

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS)

Mestrado em Jornalismo

Presença das novas tecnologias nos noticiários da SIC

Vantagens e problemas da virtualidade nas notícias

AUTOR:

Miguel Ângelo Mota Veiga Rosa

Supervisor na ESCS/ Orientador de estágio:

Prof. Daniela Santiago

Supervisor na entidade de acolhimento:

Martim Cabral

Local de estágio:

Sociedade Independente de Comunicação (SIC)



Setembro de 2015

Declaração de Compromisso de Anti Plágio

Declaro por minha honra que o trabalho que apresento é original e que todas as minhas citações estão correctamente identificadas. Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar.

Lisboa de de 2015

Índice

RESUMO:	5
ABSTRACT	6
ALICERCES DO TEMA EM DISCUSSÃO	7
Uma nova velocidade.....	7
Novos hábitos, novos problemas	8
Directrizes da investigação	11
UM ESTRANHO NUMA TERRA ESTRANHA	13
In medias res	13
Indefinição	14
Oratores, Bellatores, Laboratores.....	15
Um lugar de infância	16
Regras do jogo.....	17
Sorriso amarelo.....	20
ANAGNÓRISE	23
LOOP	24
VELHOS CIBORGUES	26
EXPURGAÇÃO I	30
Generation gap	30
APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	31
Parte I.....	31
Lugar de passagem.....	38
APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	41
Parte II.....	41
NOVO “OPIO DO POVO”	46
EXPURGAÇÃO II	51
Uncanny Valley.....	51
PAIDEIA	55
TEORIA DO CAOS	60

Epílogo	60
BIBLIOGRAFIA	65
SITOGRAFIA.....	66

Resumo:

O presente relatório de estágio está inserido no âmbito do Mestrado em Jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social em Lisboa (ESCS). Este trabalho tem a finalidade de relatar a experiência adquirida no estágio curricular realizado na Sociedade Independente de Comunicação (SIC) durante 6 meses e de debater o fenómeno de as novas tecnologias desempenharem um papel cada vez mais activo nos noticiários que figuram nas nossas televisões. O termo “novas tecnologias” refere-se neste caso a constituintes que fazem parte do ciberespaço como o Youtube, redes sociais, Google e aplicações, vídeos amadores, Skype, imagens e sites da internet.

Durante dois meses o estudo de caso visou observar quantas vezes é que os elementos tecnológicos em questão apareceram nos noticiários do Primeiro Jornal e Jornal da Noite, do canal de televisão SIC, para assim criar uma base de dados e partir para a análise e problematização dos mesmos. Os dados serviram assim para criar variáveis e fazer comparação entre dias, temas e que tipo de agentes virtuais são utilizados nas notícias e em que contexto.

A observação participante e não participante foram pilares na realização desta investigação neste trabalho de natureza qualitativa e quantitativa. Não houve entrevistas mas foram colocadas questões e procuradas respostas sem ser de forma formal e inquiridora. Os noticiários foram analisados de dia 5 de Janeiro até 5 de Março e foi feito um levantamento de trabalhos e estudos com temáticas e informação semelhantes e pertinentes para o meu estudo.

Este relatório de estágio não oferece respostas sobre se o uso de imagens amadoras, de Youtube ou outros que figuram no ciberespaço, é em toda e qualquer situação negativa ou positiva de forma a enriquecer o envio da mensagem jornalística ao telespetador. Este trabalho também não vai tomar uma posição contra ou a favor do uso destes elementos. O que este estudo se propõe a fazer é observar e indicar alguns dos problemas e vantagens que este método de fazer televisão, cada vez mais interligado à virtualidade, pode trazer na percepção dos acontecimentos por parte de quem está a ver a televisão e por parte do jornalista que constrói a peça. Aliado à análise e teoria está também a parte humana, as vivências na redação, as saídas em reportagem e episódios que ajudaram a contextualizar e perceber o *modus operandi* da Sociedade Independente de Comunicação.

Abstract

This internship report is integrated in the master's course of journalism in the Higher School of Communication and Media Studies (ESCS) in Lisbon. The objective of this paper is to report the experience and knowledge gathered during the six months of internship in the Independent Society of Communication (SIC). This paper also aims to underline and discuss the increasing presence of new technology in the news of our television. The expression "new technologies" is, in this case, related to the elements that are part of the cyberspace such as the Youtube, Social Networks, Google and applications, Skype, amateur footages, sites and images from the Internet.

The essence of the case study was to analyze and observe for two months how many times the technological elements mentioned above appeared on the TV newscast of SIC ("Primeiro Jornal" and "Jornal da Noite"). With this process it was possible to create a data base and to problematize the results. The data was used to create variables and to make comparisons between days, themes and what kind of virtual features are used in the news and in which context.

Participant and non participant observation were vital for this investigation of quantitative and qualitative nature. There were no interviews but questions were asked informally to coworkers. News were analyzed from 5th of January to 5th of March and other works and studies with useful information for this paper were gathered.

This internship report does not offer answers about the impact of the use of new technology elements on the news and how the viewer benefits, or not, when receiving a journalistic message with this features. This paper will not be in favor or against the use of these elements. The main goal of this work is to observe and discuss some of the advantages and disadvantages of this way of doing television news. A way that is getting more intertwined with the virtual world and shapes

how journalists work and the viewer perceives the message.

Besides the theory there will also be the personal experience in the newsroom, the reportage and all the episodes that helped to contextualize and understand the *modus operandi* of the Independent Society of Communication.

Alicerces do tema em discussão

Uma nova velocidade

Todas as observações são referentes somente aos profissionais da SIC, faculdade que frequentei, professores que tive e outros com que me cruzei. Apenas espelham o meu ponto de vista, o que ouvi, vi e aprendi. Não sei como é que outros profissionais, professores e canais funcionam, por isso qualquer crítica e elogio são dirigidos às entidades/pessoas mencionadas.

A obsolescência programada dita a longevidade da maioria dos aparelhos que manuseamos quotidianamente, máquinas que há poucos séculos atrás existiam somente no imaginário, o qual conduziu, e ainda conduz, homens e mulheres nos afazeres religiosos, sociais e culturais. O “desencantamento do mundo”¹, adjacente ao olhar racional com que os fenómenos científicos, sociais e de índole monástica passaram a ser observados, desmistificou lendas e histórias que acompanharam o Homem durante milénios. No entanto, parte da imaginação deu lugar à realidade, sendo que esta e a criatividade ajudaram a criar os olhos que agora observam parte do globo. Esses olhos não são biológicos, mas mecânicos. O advento da tecnologia mudou hábitos, velocidades e a informação. O uso do termo “tecnologia” não se prende somente à maquinaria avançada mas também a utensílios que foram vitais para o encurtar de barreiras físicas e territoriais como a roda e o fogo. Pierre Lévy menciona ainda a tecnologia intelectual associada à linguagem e à [...] escrita (que) permite estender as capacidades da memória a curto prazo. É isto que explica a sua eficácia como tecnologia intelectual.” (Lévy, 1993, 124). Aliado a estes instrumentos vieram tantos outros sendo que os que mais nos interessam evidenciar são a electricidade, a fotografia, o cinema, o telefone, a televisão, o computador, o satélite e por fim a internet. Mito ou ideologia, o progresso foi catapultado com estas novas ferramentas, pois houve uma mudança radical na forma como a humanidade se comporta e observa o mundo. Com a expansão do ciberespaço criaram-se novos suportes, conceitos e modas. Nasceram as multinacionais como o Google e o Facebook, locais que permitem aos utilizadores partilharem vídeos caseiros como o Youtube e o Dailymotion. Apareceram plataformas

¹ Conceito trabalhado pelo sociólogo Max Weber que explica como a ciência e a tecnologia desmistificaram um mundo que era maioritariamente regido pela religião e o ocultismo.

que permitem falar à distância como o Skype e o eBuddy Chat entre inúmeros outros. A aliar ao crescimento do virtual está também a electrónica e a informática que aperfeiçoaram os computadores, ferramentas que utilizamos para trabalho e lazer, assim como os telemóveis que fazem parte do nosso quotidiano quer seja pela sua função comunicativa quer seja pelo facto de terem a capacidade de filmar e fotografar em alta definição. Daqui a curtos anos ou até meses, alguns destes aparelhos vão estar desatualizados ou descontinuados. Serão obsoletos seja utilitariamente ou semanticamente. É uma sociedade do aqui e agora, imersa em constantes estímulos nervosos² em que é quase possível ter imagens de todos os acontecimentos e de qualquer tipo de privacidade. Sem ter dado tempo ao tempo, há pessoas, culturas e profissões que se debatem para manter o equilíbrio enquanto estas novas placas tectónicas batem a uma velocidade desenfreada e suprimem o que era tradicional.

Novos hábitos, novos problemas

O jornalismo é predador e presa deste fenómeno. Ofício envolto em grandes discussões éticas, deontológicas e científicas, discussões que ganharam mais intensidade com a emancipação das novas tecnologias. Torna-se penoso perceber a veracidade dos factos e apurar a verdade no meio de uma ansiedade colectiva em que quase nunca há espaço, tempo e há um paradoxal “excesso” de informação que após tratamento muitas vezes acaba por ser somente ruído. A tarefa é árdua para empregos que têm como pilar a credibilidade e a clareza, como é o caso do jornalismo, especialmente o televisivo.

A vasta quantidade de vídeos caseiros no Youtube ou nas redes sociais pode, e tem, em alguns casos, beneficiado os telejornais dos canais generalistas portugueses. No entanto, presumo que aí reside um dos problemas: a identificação das fontes. Com o passar dos anos tem havido um aperfeiçoamento da estética dos noticiários.³ Os oráculos, *tickers*, “bolachas”, com cores vivas, um grafismo cada vez mais rico, entre outros elementos, tornaram-se naturais e normais nos telejornais, com o objectivo de difundir a mensagem jornalística de forma mais eficaz apesar de pouco se saber “ [...]

² Na obra de George Simmel, *A metrópole e a vida mental*, 1903, é mencionado que a vida frenética citadina tem grande influência na psique do indivíduo. Este conceito é aqui evocado e transposto para um mundo globalizado. O globo está conectado e é uma grande cidade que nunca dorme, em constante movimento. O factor que mais contribuiu para esta globalidade foi a emancipação do virtual.

³ Em “A cenografia de informação televisiva em Portugal: da sobriedade à espectacularidade das redacções” (2011) é descrita a evolução estética dos telejornais portugueses e o impacto positivo e negativo que elementos como o *ticker* e os oráculos têm na percepção da notícia por parte do telespectador.

sobre o impacto destas práticas ao nível da percepção e processamento da informação pelo telespetador [...]” (Saraiva, 2011, p.8). Houve uma naturalização, uma habituação por parte dos produtores e consumidores de notícias destes aspectos visuais. No entanto, quando nos viramos para uma questão não tanto a nível gráfico mas puramente imagético, “núcleo vital da televisão”, um vídeo amador ou de natureza semelhante pode levantar algumas questões. Penso que não pode haver uma naturalização sem haver regras restritas. Se um vídeo retirado do ciberespaço ou partilhado por alguém que presenciou o acontecimento for sempre identificado, a pessoa, o canal e a integridade da notícia ficam defendidos. A baixa resolução da imagem é justificada e o não profissionalismo na captação da imagem é “perdoado”. O uso de imagens de alguém que esteve lá é sempre mais enriquecedor do que ir ao arquivo buscar algo para “desenrascar” e pintar a peça, mas com tudo isto levantam-se outros senãos.

Até que ponto se deve ir à internet buscar vídeos para ilustrar uma peça? Não há dúvidas que a imagem tem o poder de sensibilizar as pessoas, basta lembrarmo-nos da “Menina de Napalm”, fotografia captada por Nick Ut ⁴ no Vietname. Mas até que ponto é que estes novos instrumentos, que facilitaram o trabalho de um jornalista, podem levar ao comodismo e ao facilitismo? Um universo virtual rico em vídeos de *fails*, *pranks*, catástrofes e polémica é apetitoso para construir peças de *fait divers* e ter sempre algo para mostrar a quem está a ver televisão mesmo que o dia tenha sido “parado” no que toca a acontecimentos de relevo. Esta questão sobe ainda mais de tom quando nos deparamos com o facto de o dinheiro não abundar e de o jornalismo de secretária ser cada vez mais recorrente e normal.

Outro problema que se levanta: quando é que é conveniente usar esse tipo de imagens, ou seja, será útil ter um vídeo amador a mostrar que uma senhora partiu um membro ao saltar do passeio ou algo mais relevante como apanhar alguém em flagrante delito? O primeiro exemplo poderá ser um interessante combustível para a máquina do entretenimento, da *Sociedade do Espectáculo* ⁵, e o segundo acaba por não ser muito diferente, mas poderá ajudar a uma futura captura do criminoso. A questão principal que se levanta é: estes elementos tornam a mensagem jornalística mais clara, contextualizada e eficaz? Ajudam o telespetador a sensibilizar-se mais com a

⁴ É possível observar a foto em questão no seguinte artigo do Jornal de Notícias: (2012) Menina de Napalm conta como foto mudou sua vida. *Jornal Diário de Notícias*. [Internet] Disponível em < http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2590331&page=-1 >. (Consultado no dia 7 de Setembro de 2015).

⁵ *La société du spectacle* ou *A Sociedade do Espectáculo* (1967) é uma obra de Guy Debord que faz uma crítica à sociedade de consumo e o capitalismo.

ocorrência, a torná-lo mais próximo e empático para com as vítimas dos acontecimentos?

Outra questão; quando os 360p (pixels) e 480p foram algo do passado e tudo for em HD, sejam os telemóveis mais baratos do mercado, ao pior vídeo da internet, e a imagem se equiparar ou ser até melhor à que é captada por um repórter de imagem, como é que o telespetador percebe o que está a ver? Há casos em que mesmo que a imagem seja boa a filmagem denuncia o amadorismo, mas e quando tal não acontece? No final de contas estas questões acabam por interessar alguma coisa? O telespetador importa-se?

Por último, as redes sociais. O caso adensa-se porque existe ambiguidade no facto de uma rede social ser ou não privada. Fazer jornalismo utilizando as mesmas pode ser vantajoso ou danoso. Um *post* de Facebook pode ajudar a reforçar um facto que está a ser mencionado sobre alguém, mas fazer notícia porque, imaginemos hipoteticamente, o Cristiano Ronaldo decidiu fechar as suas redes sociais ou porque escreveu algo, viola a própria natureza do jornalismo se formos conservadores. No ciberespaço a mensagem pode ser editada e reescrita, o que condiciona o próprio temperamento de quem a escreve. O mesmo acontece com o anonimato na internet, as máscaras sociais ⁶ são voláteis e modificam-se rapidamente.

Estas foram algumas questões que levantei ainda antes de saber que iria estagiar na SIC. Não sabia se havia leis ou formas de regulamentação destas situações. Ver uma peça de telejornal com fraca imagem, que claramente não tinha sido um jornalista a captar a imagem, sem qualquer menção visual ou sequer oral identificando-a como sendo de natureza ou fonte “X” ou “Y intrigava-me. Fazer compactos de vídeos desportivos, *fait divers* ou outros e apresentá-los como notícia num telejornal em horário nobre é algo que certos canais de Youtube, apresentados por “youtubers”, fazem e por vezes, na minha opinião, com maior abundância, melhor qualidade e contextualização. Opinião e subjectividade não se coadunam com o jornalismo, ou pelo menos com a definição clássica deste ofício, mas é preciso acrescentar outro facto proibitivo para completar o triunvirato, o amadorismo.

Apesar de tudo, há que ter noção da época em que vivemos. Existem temas que forcem o uso desses elementos porque de outra forma não são possíveis de “pintar”.

⁶ Erving Goffman em *A apresentação do eu na vida de todos os dias* apresenta uma versão dramática da vida em que o indivíduo é visto como um actor e este actua num palco. Essa ideia é aqui utilizada sendo que o indivíduo é também actor, com muitas máscaras, na esfera virtual.

Temas como o *bitcoin*, o fecho de sites como o Piratebay em Portugal, ou explicar o que é a *deep web*. Estamos a falar no final de contas de alguns dos “filhos” do ciberespaço.

Diretrizes da investigação

Ir para a Sociedade Independente de Comunicação foi uma oportunidade para compreender algumas das interrogações levantadas. Após perceber que iria analisar peças jornalísticas dos noticiários da tarde (Primeiro Jornal) e da noite (Jornal da Noite) de um canal generalista português tive que perceber como é que iria catalogar os elementos que me propus observar. Criei assim 3 níveis para medir a “presença tecnológica” de cada notícia. Cada peça foi classificada com nível um, dois ou três.

Todo o processo de produção e consumo de notícias é transportado por médiums tecnológicos, sejam eles a televisão, o computador que está presente na criação da peça jornalística, na câmara que filma os acontecimentos, no microfone que capta o áudio, ao grafismo presente nos telejornais, ao *Chroma Key* e muitos outros. Todos estes são elementos “normais” e é essa normalidade que compõe o nível 1. Todas as peças que se baseiam somente em reportagem ou imagens de agência, mas que não tenham quaisquer características já mencionadas, passando a redundância, Youtube, vídeos amadores e redes sociais, foram categorizadas como sendo nível 1. A partir do momento em que aparecem filamentos do ciberespaço, seja durante 5 segundos ou 5 minutos, a notícia sobe para nível 2. O nível 3 é atingido quando mais de 50% da peça é composta pelas características já citadas. Este sistema de classificação não garante uma análise holística e perfeita. Existe uma margem de erro devido ao facto de muitas vezes a análise estar imbuída em ambiguidade e dúvida. Um exemplo recorrente é desconfiar que certos vídeos são tirados da internet, mas não há nenhuma referência a tal. A maior parte das vezes decidi classificar essas notícias como nível 1 porque não tinha a certeza, mas houve casos em que era nítido apesar de não haver identificação. A minha desconfiança em relação a estes acontecimentos foi confirmada durante o meu estágio. A forma como cada um faz jornalismo não é universal. Colocar “vídeo youtube” no canto superior direito da notícia é algo já comum e normal para alguns jornalistas enquanto que para outros é algo que raramente acontece.

Após estabelecido o sistema de classificação foi necessário perceber o período de tempo de análise e em que meses é que a observação iria incidir. Como já foi anteriormente mencionado, as notícias que foram esmiuçadas foram as exibidas de dia 5

de Janeiro a 5 de Março. O número global dos meses pode ter diferenças no que concerne ao número de dias, pois Fevereiro é o mês com menos dias do ano. No entanto, decidiu-se considerar o dia 5 como o final/início de cada mês para tornar a análise de dados e comparação de variáveis mais simples. A ténue diferença de dias pouco afetou a nível estatístico. Dia 5 de Janeiro foi dois dias antes dos atentados terroristas no Charlie Hebdo, altura de alguma “normalidade”. Quis perceber a diferença das peças entre essa “normalidade” e um acontecimento inesperado, chocante e repentino. A atribuição da bola de ouro, os atentados na Bélgica, o Dakar, entre outros eventos desportivos, internacionais, sociais e políticos, forneceram uma base rica de exemplos que permitiu observar o contraste do tratamento imagético/estético dado às *hardnews* e *softnews*. Acabar no mês de Março permitiu assim comparar dois meses com acontecimentos diferentes. O ideal era analisar durante vários anos consecutivos diversos canais de forma a medir o aumento do uso das novas tecnologias nas notícias e perceber a diferença entre canais. No entanto, o tempo e a mão-de-obra só permitiram criar esta amostra.

Os dados analisados requerem contextualização, cuidado que se aplica às notícias e aos próprios jornalistas, pois a busca da melhor representação da realidade, de uma perspectiva holística, acaba por revelar a natureza humana de quem trata a informação que chega às redações. O jornalista, como qualquer ator social, é vítima de variáveis, contextos e pressões de diversas naturezas. Vi isso acontecer com os meus colegas e comigo.

Antes de mergulharmos na teoria dura é imperativo fazer um exercício algo narcisista, que também tem um efeito catártico, com toda a personalidade e subjectividade que o compõem, o de relatar o meu estágio. Uma analepse, um pouco da minha história antes e durante a estadia na SIC, contextualizando assim quem escreve estas palavras e analisou os dados e o cosmos social em que esteve inserido da maneira que o fez.

*Um estranho numa terra estranha*⁷

*In medias res*⁸

Sentado, fito os dois ecrãs do computador. Duas telas para maximizar o trabalho e rentabilizar o precioso tempo. Nestes dois focos de luz cumpro as tarefas que me são incumbidas. O mesmo *modus operandi* é, de igual forma, utilizado pelas vozes e presenças que me rodeiam. As faces digitais que figuram quotidianamente no meu televisor de casa adquiriram carne e osso. Muitas das caras que fazem parte do espectro mediático são agora meus colegas de trabalho. As inúmeras “caixas mágicas” e ecrãs de diversos outros aparelhos produzem um rotineiro espetáculo de luzes que dão ritmo aos movimentos, afazeres, personalidades e vozes dos intervenientes deste espaço a que chamamos de redação, local pintado em tons de vermelho que se dilui no soalho em tons de castanho-escuro e amarelo, contrastando com o teto branco. O calor abrasador contrasta com o frio do exterior. A meu ver, não é só a temperatura que é antagónica neste local. Mentalidades, normas e metodologias vincam ainda mais esta sensação de constante contradição. No entanto, os rostos, inicialmente desfocados, que acarretam estas matrizes, começaram a tornar-se mais definidos e tal permitiu-me perceber, apesar de muitas vezes não concordar, as razões que levam este organismo vivo, a que chamamos SIC, mover-se da forma que o faz.

Não sei se por indefinição de sentimentos ou se por juvenilidade de mentalidade, dou por mim a detestar e a adorar este lugar. Durante seis meses a Sociedade Independente de Comunicação foi a minha segunda casa. Cresci, aprendi e obtive grande parte das histórias, aprendizagem e informação que vou relatar ao longo deste relatório de estágio.

Como vim aqui parar? Quais foram as minhas tarefas? Quais são as questões antagónicas a que me refiro? Para responder a estas e outras questões é necessário ir ao princípio, quando tudo começou.

⁷ *Stranger in a Stranger land* ou *Um estranho numa terra estranha* (1961) é um livro de ficção científica de Robert A. Heinlein. Título da obra é utilizado como título no trabalho por ser uma expressão que sumariza o estado de espírito predominante durante o início do estágio.

⁸ *In medias res*, uma narrativa que começa no meio da história. Técnica literária utilizada em obras como os *Lusíadas* e que também foi utilizada neste trabalho como forma de narração do relatório de estágio.

Indefinição

Após finalizar uma licenciatura em Ciências da Cultura e Comunicação na Faculdade de Letras de Lisboa, surgiu a necessidade de complementar e especializar o conhecimento teórico adquirido até então. A ideia inicial de tirar um mestrado nesta mesma faculdade foi mais tarde refutada, pois não iria trazer a componente prática que procurava. Assim, tornou-se necessário abandonar a zona de conforto e ir para outro sítio encontrar o que procurava. Começou assim uma fase de pesquisa e procura para tentar obter um equilíbrio entre distâncias, factores económicos e oferta das faculdades/politécnicos. Demorou tempo, mas o local foi encontrado. Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) é o nome do edifício que durante os próximos dois anos seria o meu mosteiro de reflexão e aprendizagem. No entanto, não foi fácil quebrar o jugo final de decidir para que mestrado iria enveredar: audiovisual e multimédia ou jornalismo. Esta situação deu-se devido a agentes como gostos pessoais, insegurança, impreparação para entrar num destes cursos e devido a uma questão de cariz extremamente utilitária presente no nosso quotidiano; qual destes cursos oferece maior probabilidade de emprego? O fascínio com audiovisual e multimédia está relacionado com o prazer de criar e editar elementos visuais e auditivos. Apesar de inato, esse gosto foi ainda mais aprimorado com o curso técnico profissional de Marketing, Relações Públicas e Publicidade que tirei e que me deu acesso ao 12º ano. No que toca ao jornalismo, o fervor pela escrita, o contar histórias e o ato de informar eram o que me motivavam. No entanto, não me sentia preparado para nenhum dos cursos apesar de cobiçar ambos. Essa sensação de impreparação devia-se ao facto de a minha licenciatura não ter sido diretamente relacionada com estas áreas, principalmente com o audiovisual e multimédia. Concorri aos dois cursos. Fui aceite em ambos. No final, escolhi jornalismo, pois podia assim conciliar os dois mundos, o da edição e narração de histórias, seja escrita, oral ou visualmente. Este curso iria permitir “provar” as diferentes ramificações jornalísticas a que chamamos de rádio, imprensa e televisão. Além disto, este mestrado iria abrir portas para a possibilidade de realizar um estágio numa entidade directamente relacionada com os média.

A ESCS mostrou uma realidade e um tipo de mentalidade que viria a encontrar no meu local de estágio. No final de contas, penso que escolhi bem a minha nova academia.

*Oratores, Bellatores, Laboratores*⁹

Os ateliês de televisão, rádio, imprensa e ciberjornalismo que tive durante o mestrado, tiveram grande importância na definição dos gostos pessoais. Ciberjornalismo revelou-se pouco frutífero. Além da metodologia de ensino pouco feliz, a matéria leccionada era redundante e infelizmente pouco acrescentou ao conhecimento anteriormente adquirido. Rádio foi apaixonante. Dentro do possível, as aulas eram vibrantes, animadas, pedagógicas. Estes adjetivos devem-se a um dos melhores tutores que tive ao longo do meu percurso académico: Carlos Andrade. Imprensa foi um confirmar de receios e frustração. Pouco adepto da forma como a unidade curricular fluiu, esta cadeira expôs as fragilidades da minha escrita “jornalística”, mas pouco ou nada ajudou a colmatar essas falhas. Além disso, esta disciplina deixou gravada a sensação de que a escrita de imprensa é um colete-de-forças que asfixia qualquer forma de criatividade, apesar de saber que esta asserção não é correcta. Menciono agora outro nome que deixou marca na minha aprendizagem: Daniela Santiago, professora de ateliê de televisão, e futura orientadora de estágio. Energéticas e divertidas, eram assim as aulas. Foi após “provar” este ateliê que percebi que queria ir para televisão. Fazer reportagem, preparar, produzir, escrever e contar uma história oral e visualmente são condimentos agradáveis ao meu paladar. Estas quatro unidades curriculares e respetivos professores compõem o quadro dos *bellatores*. Figuras bélicas, no sentido figurado, que estão ou estiveram no terreno inúmeras vezes e que lutaram para captar os principais elementos que caracterizaram determinados acontecimentos. Sentem o ambiente, os cheiros, as pessoas. Estão lá, no acontecimento, são práticos, e lutam para mostrar aos *laboratores*, o povo, o que está acontecer. E do outro lado temos os *oratores*, os teóricos, ideólogos, visionários. Docente da cadeira de Seminário de Estudos Jornalísticos, Isabel Simões foi das pensadoras que mais contribuiu para desconstruir e desmitificar arquétipos adjacentes à cultura, à sociedade e ao jornalismo. De igual genialidade foram as aulas de José Luís Garcia em Sistemas Mediáticos Comparados. Apesar dos baixos índices de energia durante as aulas, não deixo de ter alguma soberba em referir que fui discípulo do mestre Mário Mesquita em Responsabilidade Social dos

⁹ Oratores, bellatores e laboratores eram três classes que constituíam a sociedade feudal, predominante na idade média. Os oratores eram os que rezavam, o clero. Os bellatores eram os que combatiam, os soldados e os laboratores eram os trabalhadores. Estas três classes são utilizadas de forma análoga neste trabalho para comparar as diferentes formas de pensar e agir dos académicos com que me cruzei.

Média. Foram diversos os *belatores* e *oratores* dos quais fui discípulo, mas os que foram mencionados directamente foram os que deixaram um maior impacto na minha aprendizagem e entendimento do jornalismo.

Porque foi feita esta separação entre os professores? Porque sinto que há conflito, desdém e elitismo de parte a parte. De forma implícita, mas presente, os *belatores* acusam os *oratores* de estes não saberem o que é verdadeiramente jornalismo, estar lá, trabalhar sob enorme pressão, falta de tempo, meios e conhecimento. Lê-se nas entrelinhas algo do género “são académicos, não saem da sua bolha, não sabem”. Enquanto os académicos acusam os jornalistas de pouco saberem e entenderem a construção ideológica e cultural do cosmos social acabando assim por serem, por vezes, um instrumento ideológico “engolido” por vozes corporativistas. No meu ponto de vista, ninguém está certo e ninguém está errado. Apercebi-me que ambos pontos de vista são necessários, mas tem que haver equilíbrio, bom senso e capacidade para filtrar e assimilar os argumentos dos dois lados para que seja possível executar o trabalho jornalístico com maior eficácia e rigor possível. No final de contas, sou um académico e um mero aprendiz de jornalista. Com intuito de perceber de forma mais holística este ofício, vi-me obrigado, pela necessidade e curiosidade, em enveredar por um estágio, e respectivo relatório, em vez de uma dissertação e tese que iria somente cultivar mais a minha faceta académica que já é, por si só, extremamente crítica do trabalho jornalístico realizado neste momento.

Um lugar de infância

Todas as disciplinas foram finalizadas com sucesso. O estado da arte e a conjuntura teórica estavam prontos, faltava agora decidir o local de estágio para adquirir experiência e fazer o meu estudo de caso. Não tive dúvidas, queria ir para televisão. Após preenchida a burocracia faltava esperar pela resposta. Originalmente o estágio era para ter ocorrido na RTP. No entanto, não foi possível. Restavam a SIC e TVI, sendo que a SIC era o local de preferência. Após um curto período de espera recebi o tão esperado telefonema. Era da SIC, a marcar entrevista para o dia seguinte, 26 de Novembro de 2014. Será escusado dizer que foi complicado dormir nessa noite.

Dia seguinte. Chove copiosamente, nervos à flor da pele. Apanhar o 750, sair no Parque de Campismo, apanhar o 714, sair em Outurela, andar 150 passos a subir e entrar no espaço da Sociedade Independente de Comunicação.

Tanta chuva, que mau aspecto com que estou. Espero que corra tudo bem. Abro a porta. Estou na recepção. Balbucio o propósito que me levou até ali. Simpáticos, pedem-me para aguardar. Estou sentado, observo à minha volta. Cores vermelhas, troféus em exibição, as televisões a passarem as emissões dos diversos canais da SIC. Estranho, não estou nervoso. O raciocínio é interrompido por uma senhora que me pede que a acompanhe. Filipa Ferreira é como se chama, dos recursos humanos. Pessoa com quem falei ao telemóvel e troquei e-mails. Leva-me até a um gabinete. Sentei-me. Quando dei conta estava na presença de Martim Cabral. Que honra. Que simpatia. Deixou-me à vontade. As perguntas foram diversas. Era um teste. O tempo passou rápido. A conversa acabou com um “vemo-nos por aí”. Estava radiante. Faltava afinar pormenores. Filipa Ferreira explica que mais tarde vai entrar em contacto a combinar o dia em que iria começar a estagiar. Passo pela recepção e vou embora. A novidade é tanta que quase me esquecia que já estive aqui. Era pequeno, longe de imaginar que muitos anos depois iria trabalhar neste local. Foi numa viagem de estudo que nunca esqueci. Foi interessante rever algumas caras passados tantos anos. O que eles mudaram. O que eu mudei.

Através de troca de telefonemas ficou estabelecido que o estágio iria ter início no dia 26 de Janeiro de 2014. No entanto, foi antecipado para 14, dia que marcou não só o início do estágio, mas também mais um aniversário da morte de Lewis Carroll. Tal como Alice andei perdido neste “País das Maravilhas”, país este que se torna cada vez menos glamoroso à medida que se percebe como funciona e é regido.

Regras do jogo

“Dia a dia, a construir um puzzle gigante do país
e do mundo inteiro, em que cada peça é uma notícia,
uma reportagem, uma entrevista, em que cada
pedacinho desse puzzle deixa perceber que aquilo que

conta verdadeiramente são as vidas que estão lá dentro.”¹⁰

Quarta-Feira de chuva, o relógio marca 10.30 da manhã, altura em que entro na redação, após um pequeno “briefing” sobre o mapa espacial da SIC, sou apresentado à minha tutora, outra estagiária. A passagem de testemunho durou uma semana. Os primeiros três dias serviram para observar a dinâmica deste lugar e perceber as minhas funções. Quando um estagiário começa a sua experiência vai para um de dois lugares possíveis: a agenda ou a opinião pública (OP). Fui para a última. Dou por mim a pensar *ainda bem*, pois penso que não teria tido uma experiência tão rica nos primeiros dois meses se estivesse ficado na agenda, posto mais estático e monótono.

As entradas e saídas foram pautadas por um horário de trabalho das 9 da manhã às 18 da tarde. Quem está no OP fica também responsável de fazer produção para o programa Revista de Imprensa (**Anexo 8**). Uma semana após a minha entrada comecei a desempenhar o meu papel com total autonomia, mas sempre com a supervisão dos meus tutores “seniores”, Alberto Jorge e Anabela Bicho. As tarefas realizadas permitiram-me explorar a SIC e interagir com os diversos membros deste local. Além deste facto, cruzei-me com situações e personalidades que ajudaram a trabalhar sob pressão de forma mais tranquila e eficaz.

Durante este período inicial o estagiário está “protegido”. Tem sempre um conjunto de ordens a seguir que se tornam rotineiras e que são executadas numa zona controlada, as instalações da SIC. Essa “sensação” de rotina permite atingir algum conforto e calma no meio deste ambiente diferente. Digo “sensação” porque houve sempre pequenos imprevistos, desde os convidados que chegavam atrasados, ao computador que estava lento ou ao feitio das pessoas que queriam expressar a sua opinião. No entanto, esta situação contrasta com a completa imprevisibilidade, rapidez e experiência que é necessária quando se está efetivamente a fazer um trabalho jornalístico, algo que não aconteceu nesta fase. Apesar de tudo, há que sublinhar a liberdade e a responsabilidade que é colocada nos ombros do estagiário quando está no Opinião Pública, pormenores que fazem um estagiário sentir-se algo mais do que um mero moço de recados. As funções eram simples mas foram o suficiente para perceber que tipo de problemas surgem na altura de dar voz às muitas vozes que muitas vezes querem somente dizer “eu estou aqui”.

¹⁰ Informação presente num dos placares espalhados pela SIC que explicam e contam a história da instituição. Estas palavras estão gravadas no placar da informação.

Atender as chamadas de quem queria participar no OP foi uma das experiências mais marcantes do estágio. A simplicidade passava por anotar o nome, idade, profissão e localidade do participante, entregar essa informação a um dos tutores para fazerem o oráculo e de seguida colocar a pessoa em espera, a aguardar pela sua vez para falar (entre outras technicalidades irrelevantes para o caso). Narrado desta forma o acontecimento parece ser ligeiro mas é na altura de seleccionar quem fala que reside a matéria que levou a alguma introspecção. Não havia regra ou método para seleccionar pessoa “A” ou “B” para o debate. O que havia era um conhecimento que era partilhado e passado de estagiário para estagiário. Uma experiência compartilhada de não colocar “no ar” certos indivíduos (que ligavam inúmeras vezes) porque eram “doidos”, “chatos”, “mal falantes”, “mal-educados” ou porque simplesmente não acrescentavam nada ao debate. Havia mesmo uma “lista negra” de números, nomes, pessoas, que assim que ligavam eram ignorados por incidentes negativos no passado. Dei por mim a seleccionar os mais novos porque os mais veteranos eram lentos a falar e o tempo era escasso. A seleccionar pessoas com sotaque semelhante ao Lisboaeta em detrimento das do Porto, Viseu ou ilhas pelo facto de não as perceber e de recear que não fossem percebidas. A seleccionar pessoas com profissões compatíveis com o tema em debate. Se o tema era sobre a Saúde, médicos e enfermeiros e o ocasional paciente tinham mais prioridade do que um advogado, professor ou desempregado. Isto significa que o desempregado, professor ou advogado não teriam o mesmo direito, e se calhar até tinham dado um contributo mais interessante, de expor a sua opinião pública? É obvio que todos tinham o direito de falar, mas não podiam. A própria discriminação acima mencionada acaba por ser pouco democrática. As próprias regras do jogo ditam um olhar virado para o utilitário, rápido e seguro. Um programa de 20 a 50 minutos, sendo que muitas vezes era interrompido por notícias de “última hora”, é por si só castrador de uma verdadeira opinião pública.

Pode parecer que se está a complicar algo que é bastante elementar, até porque a alternativa era nem haver programas desta natureza, o que não é preferível. Não obstante, estas eram micro situações que me levaram a considerar conceitos como a igualdade, democracia, objectividade, clareza e até justiça. O que poderia eu fazer? O mais assustador foi pensar que tudo isto era uma “brincadeira” em comparação com a perspectiva macro que por vezes é necessária ter quando se vivencia e escreve peças de natureza política, económica e outros. Poderia sempre adotar uma atitude estóica e referir uma célebre frase, que enaltece uma vez mais a visão utilitária, que ouvi diversas

vezes durante a minha estadia, “isto é só mais um emprego”. A doutrinação que leva um indivíduo a mencionar tal também deve fazê-lo reagir com a mesma apatia quando houve dizer que um médico deixou morrer o seu paciente e somente disse “isto é só mais um emprego”. Observei que a sensação de conformidade, desmotivação, impotência, desilusão e irritação é latente nas pessoas que por ali gravitavam. As razões para estes sentimentos são variadas.

Sentimentos que muitas vezes não eram disfarçados e que permitiram ver os atores nos bastidores, quando tiravam a máscara que usam quando se apresentam na TV.

Vamos aumentar um pouco mais a resolução da lente para percebermos com melhor detalhe quem constrói todos os dias um puzzle gigante do país.

Sorriso amarelo

“Era 3ª feira, dia 6 de Outubro de 1992. O relógio marcava 16h30.

Nos ecrãs dos televisores de Portugal, no canal 3, surgiu o rosto da jornalista Alberta Marques Fernandes. Sorriu, disse boa-tarde e começou a ler as notícias. Nascia a SIC e começava a aventura da televisão privada em Portugal”¹¹

Tinha 10 meses quando a Sociedade Independente de Comunicação começou a dar os primeiros passos e a balbuciar as primeiras palavras. Uma cria precocial¹² pois tinha acabado de nascer e já tinha que andar pelo próprio pé. Fundado por Francisco Pinto Balsemão, a SIC pertence ao grupo de comunicação social português Impresa que detém cerca de 51% do capital e a Impresa Serviços II os outros 49%¹³. Precisou só de 3 anos para alcançar a liderança nas audiências sendo que a receita para o sucesso passou por uma programação que apostava em entretenimento, informação, documentários e programas de ficção.¹⁴

¹¹ Palavras presentes em: Arquivo SIC 20 anos (1992) ”. *Site SIC*. [Internet] Disponível em < <http://sic.sapo.pt/sic20anos/1992-10-06-6-de-outubro-1992-1630?from=1992&to=1992> >. (Consultado no dia 9 de Setembro de 2015).

¹² O termo precocial é aplicado em biologia e é utilizado quando as crias são independentes dos progenitores pouco tempo depois do seu nascimento. O termo é aqui evocado como forma de analogia com a SIC, entidade que assim que “nasceu” teve que caminhar para sobreviver.

¹³ Informação presente em: Impresa (2015). Portefólio de Marcas. *Site Impresa SIC*. [Internet] Disponível em < <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC> > (acesso a 9 de Setembro de 2015).

¹⁴ Informação presente em: Impresa (2015). Portefólio de Marcas. *Site Impresa SIC*. [Internet] Disponível em < <http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC> > (acesso a 9 de Setembro de 2015).

“Era o ponto final no monopólio estatal de 35 anos da RTP.

A magia da televisão deixava de ser um exclusivo do Estado.

O perfume da democracia acabava de encontrar a sua frequência televisiva.”¹⁵

No virar do século, anos 2000, passou a ter presença também no cosmo dos canais por cabo sendo que esta se faz sentir através dos canais SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC K, SIC Caras e SIC Internacional (**Anexo 26**). Sete anos volvidos, entra na era digital em multiplataformas, sendo que algumas, como o site da SIC, são mencionadas ao longo do trabalho. Alcides Vieira é o director de Informação e os cargos de sub directores de informação estão entregues a nomes como António José Teixeira, Rodrigo Guedes de Carvalho, José Gomes Ferreira e Martim Cabral. Outros nomes ligados à produção, multimédia, programação, online, entretenimento, entre outros, são de igual forma vitais para fazer o organismo SIC funcionar, mas os supracitados merecem mais evidência devido ao contexto e temática deste relatório.

Durante a pesquisa fui ver em arquivo as emissões televisivas da SIC. De telejornais a programas e documentários. Recordei alguns momentos com nostalgia, reconheci caras da altura que agora ainda são as mesmas mas mais envelhecidas. Não estive lá nos primórdios mas as imagens guardadas transparecem um objetivo comum e espírito de camaradagem muito mais intensos do que agora se sente quando se entra na redação. Esta observação vale o que vale, mas os comentários e conversas informais que tive ao longo do estágio com quem trabalha na SIC revelaram que se tem perdido algo com o passar das gerações. Uma das vantagens de ser um estagiário é poder ser um observador silencioso, estar no local e ser ignorado, mas, ao mesmo tempo, ouvir as más-línguas, os ódios de estimação, as histórias e as frustrações. Ver como cada grupo se organizava e relacionava com outros grupos. A confraternização entre grupos de espécie diferente segue o livro do politicamente correcto, sempre com o sorriso amarelo de boca em boca. Quando o convívio findava ligavam, citando agora uma expressão que a jornalista Joana Latino usava, de novo o “refilofone” criticando o grupo que tinham acabado de saudar e fazer juras de amor. Curioso que também vi a situação a acontecer entre estagiários. O “*glamour*” da televisão rapidamente se desvanece. Interiormente uma voz dizia-me *bem-vindo ao mundo do trabalho*. Mas percebi que estas situações

¹⁵ Palavras presentes em: “Arquivo SIC 20 anos. Ano de 1992”. *Site da Sociedade Independente de Comunicação (SIC)*. < <http://sic.sapo.pt/sic20anos/1992-10-06-6-de-outubro-1992-1630?from=1992&to=1992> >. (acesso a 9 de Setembro de 2015).

não se cingem somente ao trabalho, fazem parte da natureza do Homem. Natureza programada para deixar uma herança, uma memória, o conhecimento. Não falo nestes termos com um sentido somente aplicado à biologia mas também à organização empresarial.

Se o saber não é transmitido às gerações posteriores, a médio ou longo prazo, o “*know-how*” vai-se perdendo e o que existe é uma versão com deficiências em comparação à original. A qualidade do trabalho degrada-se podendo, neste caso, afectar a forma como as notícias são transmitidas toldando a perspectiva da realidade por parte do telespetador. À conversa com diversos membros da SIC, em especial com Dias da Silva, um dos mais antigos editores de imagem, percebi que, no início, a equipa da SIC, no que toca à parte de informação, era cheia de talento, vitalidade, vontade e força para mudar o paradigma em Portugal. Com o passar dos anos alguns jornalistas foram-se embora e não foram devidamente substituídos, outros perderam a chama que tinham no início, criaram fundas e antiquadas raízes nos seus postos. A vida tornou-os amorfos, cansados, inflexíveis. Tornou-os naqueles que dizem que “isto é só mais um emprego”. A vida familiar ganhou maior dimensão. Ganhar dinheiro para sustentar a família é o mais importante. O jornalismo é somente um meio para atingir esse fim. Não os posso condenar, não tenho as mesmas vivências e a mesma idade, muito menos a personalidade. No entanto, volto a evocar o exemplo do médico e do paciente.

Outro problema é o facto de os veteranos não verem com bons olhos o sangue novo que fervilha nos estagiários que são constantemente reciclados. Novas ideias e metodologias são refutadas, prevalecendo o que já se tornou antiquado. Longa vida à transmissão 4:3. Tal longevidade será por causa do dinheiro ou a falta dele? De uma audiência pouco exigente? Não estive lá no passado mas vi um presente em que a burocracia, alguma anarquia, desorganização e antiguidade são latentes. Não deixa de ser irónico viver numa época em que já se fala em imagens/vídeos em 4k mas os noticiários da SIC acolhem e aceitam cada vez mais vídeos de baixa resolução (normalmente amadoras e algumas de Youtube). Até o processo de ir buscar vídeos ao Youtube, sendo que a qualidade *standard* é cada vez mais o 1080p, é também ela problemática. O *hardware* dos computadores programados para tal é fraco, fazendo com que o vídeo que se acabou de fazer download não seja fluído, denegrindo também a qualidade geral da peça. Uma peça que fiz sobre o novo álbum dos Muse (**Anexo 6**) é um clássico exemplo do que acabei de dizer. Os dois primeiros videoclips que aparecem

foram retirados do Youtube sendo que a qualidade contrasta com o resto das imagens (entrevistas e último videoclipe) da peça.

Apesar de tudo, existem exceções. Há veteranos e novatos que lutam para mudar o paradigma deste lugar. Num ponto a unanimidade é total, o ambiente de trabalho não é agradável. À conversa com jornalistas como Nuno Figueiredo, Paulo Varanda, Joana Latino, Fernanda de Oliveira Ribeiro, Luís Manso e Sílvia Lima Rato percebi que acham o ambiente de redação pesado e frio dificultando o trabalho.

Antes de estarem na televisão alguns fizeram imprensa e rádio e quando perguntava qual dos locais é que tinha pior ambiente a resposta era imediata, a SIC. Como já referi, no início do estágio o estagiário está protegido e, por isso, demorou até eu começar a sentir alguns desses sintomas. O facto de os meus tutores terem sido sempre acolhedores e compreensivos também amenizou esse frio que não vinha do exterior e o do facto de estarmos em pleno Inverno.

“Uma SIC divertida e séria onde risos e lágrimas encontram a expressão das nossas emoções, sonhos e desejos.”¹⁶

*Anagnórise*¹⁷

Já li palavras e experiências semelhantes às que escrevi até aqui, mas todas elas ganharam um novo peso e significado após eu as ter experienciado na primeira pessoa, ao ponto de me levar à necessidade de ser redundante e voltar a dizer o que já foi dito mas através do meu ponto de vista. Ao viver estas situações ganhei uma maior sensibilidade e empatia quando leio que os jornalistas têm pouco tempo, sofrem de *stress*, trabalham em condições por vezes precárias e sob enorme pressão. Estou a tirar um mestrado em jornalismo e achava que compreendia quando lia que os jornalistas estão sujeitos a estas situações. No entanto, só consegui perceber estas palavras quando me pus no papel de um verdadeiro jornalista, quando a teoria deixou de ser um escudo que me dava invencibilidade. O escudo passou a precisar de corpo, mente e experiência.

¹⁶ Informação presente num dos placares espalhados pela SIC que explicam e contam a história da instituição. Estas palavras estão gravadas no placar do entretenimento.

¹⁷ A *anagnórise* é um elemento narrativo utilizado na tragédia grega presente em obras como *Édipo Rei*. A *anagnórise* dá-se quando um personagem da história aprende, aceita, reconhece ou percebe algo. Essa aprendizagem vai mudar o rumo da história.

Percebi a minha fragilidade e ignorância ao pensar que sabia o que é estar sob estas circunstâncias. O mesmo se aplica a outros casos, mas nesta situação tive a meu lado a contextualização e a vivência na primeira pessoa. Por outro lado, o telespetador não possui na maioria das vezes esta “vantagem” quando vê noticiados acontecimentos com reduzido grau de proximidade. Dizer que morreu uma centena de pessoas devido a cheias no Mali consegue ser menos eficaz e sensibilizador do que contar uma história de vida rica em peripécias que davam um filme. O primeiro é uma situação macro que necessita de uma enorme contextualização ao contrário do segundo exemplo, uma situação micro. Se os actores da história não foram humanizados dificilmente alguém se importa com o desfecho que estes têm. Este paradoxo torna difícil a humanização dos intervenientes especialmente em situações de grande magnitude. As imagens da primeira situação exemplificada podem ser mais “espetaculares”, mas classificar uma catástrofe humana e material destas com tal adjetivo só mostra o lado voyeurista do jornalismo que agora é ainda mais intensificado com o crescente número de olhos mecânicos dos telemóveis, câmaras de filmar e outros aparelhos.

Posições partidárias e ideológicas à parte, a seguinte máxima permanece intemporal; “the death of one man is a tragedy. The death of millions is a statistic.”¹⁸

Loop

Volvidos dois meses após o início do estágio já não era “um estranho numa terra estranha”. Da régie, aos pivôs que contactava nos estúdios durante os meus afazeres para o Opinião Pública, às personalidades da redação, as caras já não eram estranhas. Foi um período de altos e baixos e algo febris devido ao frio, este devido ao chuvoso

¹⁸ A máxima é normalmente atribuída a Josef Stalin. No entanto, existe incerteza em relação à veracidade desse facto. *The Black Obelisk* (1956), publicado 3 anos após a morte do líder soviético, de Erich Maria Remarque evoca palavras de natureza semelhante, mas muitos anos antes, em *Französischer Witz* (1925), trabalho de Kurt Tucholsky, é mencionado o seguinte: Der Krieg? Ich kann das nicht so schrecklich finden! Der Tod eines Menschen: das ist eine Katastrophe. Hunderttausend Tote: das ist eine Statistik!"/ The war? I can't find it too terrible! The death of one man: that is a catastrophe. One hundred thousand deaths: that is a statistic! ». Só após questionar a origem da citação é que foi possível sentir alguma da ambiguidade que a rodeia. Parte da informação foi encontrada em: Garson O'Toole (2010). “A Single Death is a Tragedy; a Million Deaths is a Statistic” *Quote investigator. Exploring the Origins of Quotations*. < <http://quoteinvestigator.com/2010/05/21/death-statistic/> >. (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015). E “Kurt Tucholski”. *Wikiquote*. < https://en.wikiquote.org/wiki/Kurt_Tucholsky >. (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015)

inverno. Foi absorvida tanta informação em tão pouco tempo que senti que tinha vivido anos.

Tinha chegado a altura de entregar a estafeta ao estagiário que me ia substituir na minha função e de dizer uns calorosos adeus aos meus tutores. Seguiu-se agora uma nova fase, decidir para que editoria é que ia estar nos próximos meses. O local de eleição sempre foi a editoria de cultura, mas não havia vaga na altura. Devido a essa situação fui colocado na equipa de fim-de-semana, de Domingo, durante um mês e meio para depois ser transferido para cultura. No entanto, antes de iniciar essa fase tive um período em que acompanhei jornalistas em reportagem e depois fiz uma semana de madrugadas. Durante as saídas em reportagem com os jornalistas seniores foi interessante observar o quão importante é haver uma boa relação ente jornalista e repórter de imagem. Além disso foi curioso observar o método que cada jornalista utilizava para abordar e lidar com diferentes situações e pessoas. Foi uma fase de grande importância em que absorvi diversos pontos de vista importantes para me ajudar a procurar a minha voz e registo jornalístico, este que ainda estou à procura. Depois seguiu-se a 1ª semana de madrugadas, 7 dias, da meia-noite às 6 da manhã. O estagiário fica completamente sozinho na redação, enquanto o repórter de imagem está a dormir. O palco para a contemplação estava montado. O único barulho era o respirar das máquinas e o dever compulsório de ouvir os 10 minutos do noticiário da TSF no mudar da hora e ver as atualizações da Lusa para fazer um compacto de notícias para ser entregue à equipa da manhã encabeçada pelos jornalistas Paulo Nogueira e João Moleira (**Anexo 9**). Nem sempre foi assim. Antes o estagiário escrevia *off's*, saía em reportagem e auxiliava a equipa durante as madrugadas. Isto acontecia quando havia pivôs disponíveis. Entretanto tudo mudou, ninguém quer fazer madrugadas. Desconheço os detalhes mas a situação apresentou-se desta forma. Relatos de estagiários que já tinham passado por esta fase referiram que as 6 horas eram penosas, solitárias e até assustadoras porque entre o estagiário e alguém que decida entrar na SIC com intenções pouco pacíficas está somente um solitário segurança a enfrentar o gelo da noite. Nunca percebi se o acto de deixar o estagiário “à solta” na SIC é um voto de confiança ou é imprudência aliada a uma aposta que por enquanto tem corrido bem. Por enquanto. No entanto, os sentimentos foram exactamente o oposto. A sensação foi de alívio, liberdade, espaço e tempo para pensar. Num cenário de luz baixa explorei cada recanto da SIC e amadureci o meu trabalho teórico. Assim que chegava a equipa da manhã esse

sentimento findava, pois era o início de mais um dia, um ciclo, uma emissão de 24 horas que não pára ou descansa.

Velhos Ciborgues

Sentado, fito dois ecrãs. Duas telas para maximizar o trabalho e rentabilizar o precioso tempo. Nestes dois focos de luz finalizo o trabalho do último dia da 1ª semana de madrugadas. Dactilografo estas palavras em aparelhos que se tornaram extensões do nosso corpo, computadores. O tempo verbal é o presente, apesar da realidade da voz narrativa que agora fala remonte a 27 de Março de 2015, facto pouco relevante porque daqui a alguns meses, quando finalizar este relatório, as palavras irão manter-se inalteráveis, plasmadas na virtualidade, a não ser que as elimine, edite ou modifique. Aliás, ninguém garante que não tenha escrito este vocábulo segundos antes de entregar este documento. O único ponto temporal/contextual que existe é o facto de mencionar uma data, esta que evoca dias, épocas, períodos da nossa história, dia da nossa natalidade e mortalidade. Um contínuo que pauta horas de trabalho, de sono e divertimento. Uma linha que se move em paralelo com a “evolução” do Homem que ao longo do tempo sofisticou a língua, elaborou conceitos e técnicas que ajudaram a forjar identidades, culturas e barreiras. O tempo enfraquece as memórias e reescreve-as. Envelhece as páginas de um livro levando-as à sua desintegração, mas não torna velhas as “páginas” e palavras escritas num documento “word”. A virtualidade, ou melhor, o *hardware* com que interagimos com ela é, especialmente, vítima da obsolescência, mas o código binário é universal e por isso é reutilizável, de certa forma imortal, sempre presente.

“O espaço cibernético vem envolto em várias camadas de mitos cintilantes e encantadores: democracia eletrónica [...] fim das fronteiras geográficas, [...] mudanças de papel entre emissor e receptor, inclusão social por meio da inclusão digital [...] A redenção do mundo parece estar localizada no ambiente digital conectado às redes. Como se no ciberespaço os seres humanos adquirissem super-poderes capazes de eliminar as barreiras do tempo, da geografia e do espaço concreto [...]” (Matos, 2010, p.3)

O comando sintoniza o mar virtual em que cada ciborgue deseja mergulhar. A oferta é quase inesgotável e entregue de forma instantânea. Matéria-prima que leva o indivíduo até outros mundos sem este necessitar obrigatoriamente de um corpo.

Um avatar é criado, um “eu” incorpóreo, que é cidadão nesta realidade virtual que não é imaginária ou ilusória, pois ela “[...] é um dos principais vetores da criação de realidade” (Lévy, 1996: 7).

Este novo mundo é de tal forma real que ao fluidificar as esferas públicas e privadas já levou ao despedimento de funcionários que utilizaram as redes sociais de forma catártica criticando os próprios patrões sendo que estes não ficaram alheios à mensagem. Outro exemplo está presente nos noticiários que acabaram por absorver características do mundo cibernético para se adaptarem, sendo que a mudança do analógico para o digital foi um ponto de viragem. Estes novos elementos são vitais num canal como a SIC Notícias, canal 24/7, para manter uma oferta variada sem recorrer em exagero à repetição. Programas como as “escolhas online”¹⁹, ou fenómenos sazonais como a “selfiesic”²⁰ seriam impossíveis se não existissem os instrumentos que hoje dispomos. As potencialidades são tremendas. No entanto, há que ter atenção que o ritmo humano e o ritmo virtual são bastante distintos. Enquanto um não dorme o outro tem que dormir pelo menos 8 horas por dia. Enquanto um não tem barreiras o outro está confinado a um corpo limitado. Enquanto um processa acontecimentos e informação em segundos o outro chega a demorar anos. São factos assimilados pelos utilizadores de internet e empresas. A possibilidade de fazer mais e melhor é tremenda, especialmente numa óptica economicista e empresarial e aí é que reside o perigo. A oportunidade para produzir em maior quantidade e rapidez é apetitosa, no entanto, os efeitos podem ser nefastos até porque penso que ainda não se conhecem as consequências finais, especialmente para a televisão informativa.

À conversa com uma jornalista sénior, durante as madrugadas, percebi que existem diversos pontos de vista na própria SIC acerca da função da televisão e do que esta é capaz de fazer. Foi interessante perceber que a antiga pupila do jornalista Pedro Mourinho tinha partilhado com o professor um ponto de vista com o qual me identifico muito. A ideia em comum é que a televisão tem uma força muito superior a qualquer rádio ou jornal devido ao seu lado imagético. O poder subliminar é tremendo, o que

¹⁹ É um programa da SIC Notícias que acontece na Edição da manhã. O convidado está de *tablet* em punho e fala sobre um compacto de sites que preparou previamente. É possível ver edições das “escolhas online” em: “Edição da Manhã” (2015). *Site SIC* [Internet] Disponível em: < <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/edicaoamanha/2015-09-09-Jornal-de-Economia-credito-as-familias-a-crescer> >. (acesso a 10 de Setembro de 2015)

²⁰ A “selfiesic” é um momento no final do telejornal da noite (na SIC) em que são mostradas as “selfies” de verão enviadas por telespectadores. “Partilhe as suas selfies de verão” (2015). *Site SIC* [Internet] Disponível em < <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-08-19-Partilhe-as-suas-selfies-de-verao-em-selfiesicsic.pt> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015)

permite usá-la como instrumento de contra poder de forma muito eficaz, ou com outros fins.

Essa força aumenta mais devido ao facto de a cultura portuguesa ser maioritariamente oral e os números da emancipação da caixa mágica em Portugal revelam isso mesmo, pois a “posse de televisor é extensível à quase totalidade da população portuguesa dos 15 aos 74 anos (99,9%)”, (Obercom, 2012,p.12) (**Anexo 13**). Quando os portugueses se viram para o papel, prática pouco habitual em comparação com o resto da Europa, o jornal diário que está na liderança é o Correio da Manhã com mais de 150 mil tiragens e mais de 110 mil jornais em circulação no 2º bimestre deste ano.²¹ O único jornal informativo diário que se aproxima de forma tímida a estes números é o Jornal de Notícias com mais de 77 mil tiragens e mais de 57 mil jornais em circulação, também no 2º bimestre deste ano.²² Esta comparação menciona só dois jornais diários ignorando assim outros nomes e o absoluto líder que não é diário nem de cariz informativo mas é o mais consumido de todos, a revista Maria com mais de 200 mil tiragens e com 161 mil jornais em circulação.²³ E quando os portugueses recorrem ao online? Os dados pecam por estarem um pouco desatualizados mas segundo o Obercom em 2011 cerca de 47,1% dos portugueses não utiliza nem nunca utilizou a internet contra 49,1 sendo que 3,9 deixou de utilizar internet (**Anexo 14**). A principal razão que leva os portugueses a não utilizarem a internet “prende-se com uma falta de interesse ou com a noção de que a Internet não lhes é útil (38,9%)”, (Obercom, 2012 p.12). A segunda razão deve-se à iliteracia digital. Em terceiro, surge a falta de acesso à internet ou a um computador, seguindo-se os problemas económicos (**Anexo 15**). Estes últimos dados são relativos a 2011 e com naturalidade devem ter mudado um pouco. Aliada a esta informação está a demografia portuguesa. Dados da Pordata revelam que o índice de envelhecimento não está a abrandar. Este índice mostra o número de pessoas com idades iguais ou superiores a 65 anos por cada 100 pessoas menores de 15 anos. O

²¹ Dados presentes em: Associação portuguesa para o controlo de tiragem e circulação, APCT (2015). Análise simples, todos os segmentos. APCT. [Internet] Disponível em: < http://www.apct.pt/Analise_simples.php > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015)

²² Dados presentes em: Associação portuguesa para o controlo de tiragem e circulação, APCT (2015). “Análise simples, todos os segmentos”. APCT. [Internet] Disponível em: < http://www.apct.pt/Analise_simples.php > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015)

²³ Dados presentes em: Associação portuguesa para o controlo de tiragem e circulação, APCT (2015). “Análise simples, todos os segmentos”. APCT. [Internet] Disponível em: < http://www.apct.pt/Analise_simples.php > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015)

valor ideal seria um número inferior a 100 o que significaria menos idosos do que jovens. No entanto, em 2014 o número já ia nos 138, 6.²⁴

Os valores mostrados revelam que os novos elementos tecnológicos não afectam só as instituições mas também estão a levar a uma fragmentação social sem precedentes. A veterania pode dificultar a adaptação a esta nova velocidade. A falta de meios financeiros dificulta o acesso aos novos meios. O simples refutar de uma ordem cada vez mais virtual é um bloqueio total. Tudo isto junto com uma cultura oral, que pouco lê, faz com que a televisão, neste contexto a informativa, ainda seja um pilar importante em Portugal, seja o sinal transmitido por TDT, cabo ou satélite.

²⁴ Dados PORDATA: PORDATA (2014). Indicadores de envelhecimento em Portugal. *Site PORDATA* [Internet] Disponível em: <<http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Expurgação I

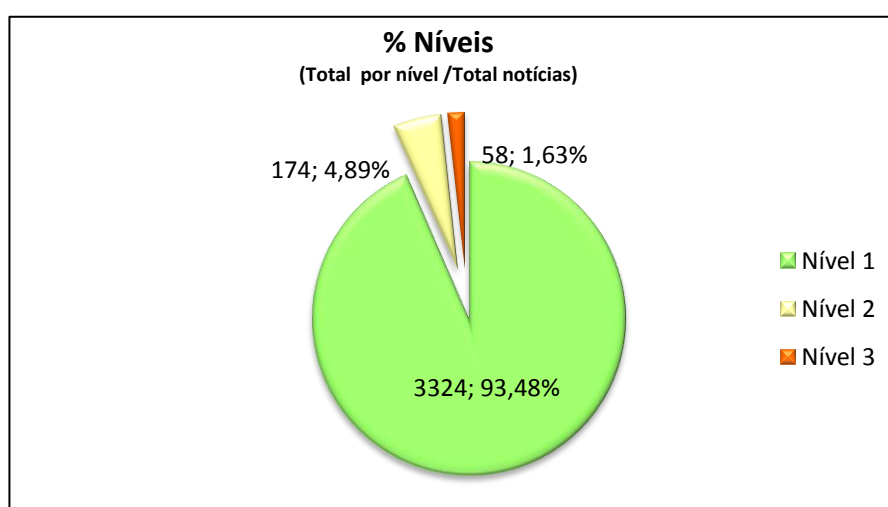
Generation gap

Numa população envelhecida em que a demografia mais jovem é acusada de ser desinteressada, de não ver notícias ou sequer televisão, é imperativo que a mesma, a televisão, apresente um serviço de máxima qualidade e não o oposto para atrair esses públicos difíceis. A máxima “os jovens já não vêem televisão” devia servir como motivação para melhorar o serviço e conseguir fazer com que os mais novos se interessem e não o oposto. Estive lá e sei que na prática a realidade é outra, mas penso que a forma como o telejornalismo da SIC é feito e apresentado não é a mais eficaz e eficiente. Se no cerne da programação estiverem somente programas *daytime* mesclados com telenovelas e os telejornais intermédios, que por vezes são um prolongamento dessas novelas mas com um tom ainda mais regional, torna-se de facto impossível atrair a camada jovem. Sendo um representante dessa camada não resisto a dizer que chega a ser por vezes insultuoso. Há raras exceções. Existem as grandes reportagens, algumas peças jornalísticas e programas que me fazem pensar que *quando querem conseguem ser de facto jornalistas*. Claro que muitas vezes a culpa não é do jornalista mas do seu superior ou das precárias condições, ou outras razões, mas como me ensinaram durante o estágio, cada elemento daquela casa veste a camisola da SIC. Não existe um particular, mas sim um todo e, por isso a culpa é de todos, seja para o melhor ou para o pior.

Apresentação do estudo

Parte I

Das três mil quinhentas e cinquenta e seis notícias analisadas entre 5 de Janeiro até 5 de Março, 93,48% foram de nível 1, sem qualquer influência dos elementos tecnológicos que têm sido mencionados até agora, 4,89% foram nível 2 e 1,63% nível 3. Cada notícia analisada durante o estudo foi colocada em uma de 10 categorias criadas. A categoria de Desporto, Saúde, política, sociedade²⁵, Educação, cultura²⁶, justiça/crime²⁷, economia, internacional e “outros”.²⁸ O gráfico que se segue representa o total de notícias e os três níveis tecnológicos que as caracterizam



Nível 1	3324	93,48%
Nível 2	174	4,89%
Nível 3	58	1,63%
Total Notícias	3556	

Ao longo dos dois meses, 6,52 % das notícias exibidas estiveram acima do nível 1. Um número minoritário em comparação com as peças sem qualquer influência dos elementos tecnológicos apontados.

²⁵ Considera-se tema de sociedade se os acontecimentos envolverem: acidentes, mortes, desemprego, feridos, incêndios, desalojamentos, turismo, acontecimentos religiosos e sociais em Portugal, greves e programas especiais como o “futuro hoje” e “abandonados” que podem mudar de categoria consoante a temática.

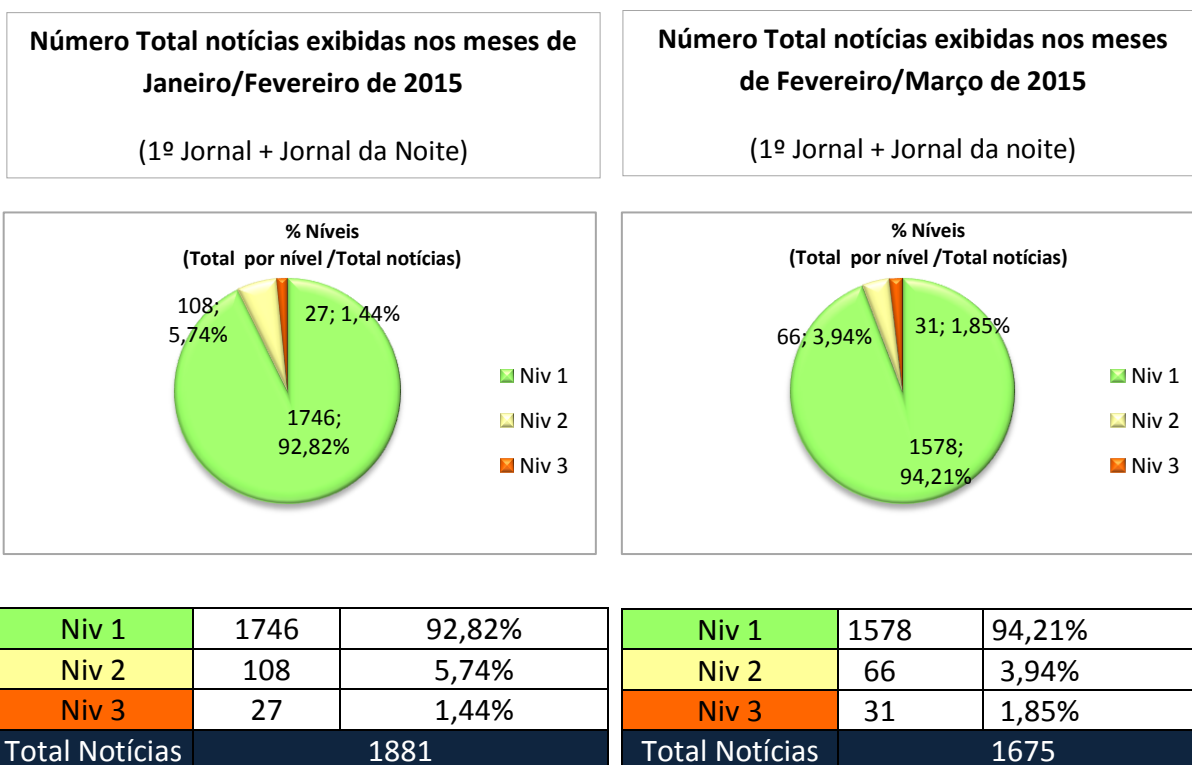
²⁶ Considera-se tema de sociedade se os acontecimentos envolverem: Gastronomia, musica, literatura, cinema, eventos culturais

²⁷ Considera-se tema de sociedade se os acontecimentos envolverem: Criminalidade, interrogações, detenções, julgamentos

²⁸ Considera-se tema “outros” se os acontecimentos envolverem: *Fait divers*, auto promoção, comentários de convidados, euro milhões, meteorologia.

No entanto, após esmiuçar os dados foi possível observar que estes apontam diferenças entre o Primeiro Jornal e o Jornal da noite, no tratamento que é dado às *softnews* e *hardnews* e revelam ainda como diferentes temáticas podem potenciar um maior ou menor uso de elementos virtuais.

No que toca aos meses, Janeiro/Fevereiro teve mais notícias com níveis superiores a 1 do que o mês de Fevereiro/Março sendo que uma das justificações para esta diferença de 1,39% entre os meses esteja relacionado com as temáticas trabalhadas.



O tema mais marcante dos dois meses é, sem dúvida, o atentado ao Charlie Hebdo, sendo que esteve mais presente no mês de Janeiro/Fevereiro. Além do “bate boca” político e dos quotidianos assuntos desportivos, outras das matérias em destaque nesta altura foram as eleições na Grécia, a Guerra na Ucrânia, polémicas na Saúde em Portugal (mortes e congestionamento nas urgências), entrega da Bola de Ouro, a separação de Cristiano Ronaldo e Irina, Guerra na Síria e notícias relacionadas com José Sócrates. Durante o mês de Fevereiro/Março a situação na Grécia, as polémicas na Saúde (tratamentos contra a hepatite C) e a Guerra na Ucrânia continuaram a ser destaque sendo que estiveram também em evidência assuntos como o Carnaval, o terrorismo na Dinamarca e a entrega dos Óscares.

O total de notícias é diferente entre os dois dias porque Fevereiro só teve 28 dias e decidiu-se considerar o dia 5 como sendo o início/final de cada mês, como já foi anteriormente mencionado.

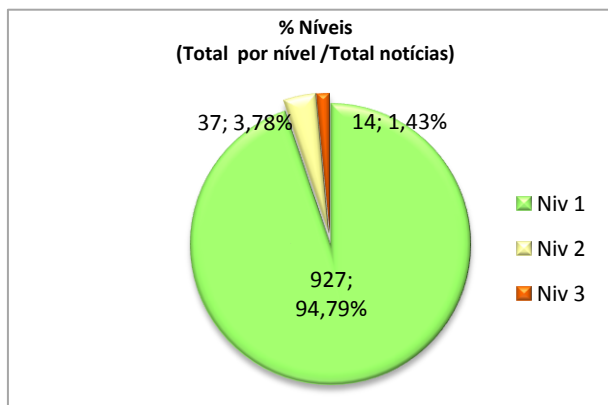
As primeiras imagens do atentado ao Charlie Hebdo (**Anexo 2**) foram vídeos amadores que foram repetidas inúmeras vezes durante os primeiros dias após o acontecimento. As imagens eram muitas vezes acompanhadas com jornalistas a comentarem o que se estava a suceder ou surgiam em paralelo durante os directos. Desta feita, o momento jornalístico em si não se cingia somente às imagens amadoras, mas também ao comentário/directo, que mesclavam com imagens de agência/reportagem, que estava a ser feito e isso contribuiu para que houvesse mais notícias de nível 2 durante o mês de Janeiro/Fevereiro do que em Fevereiro/Março. A duração das peças evitava que fossem classificadas como nível 3, grau que esteve mais presente nas notícias de Fevereiro/Março. Trombas de água no Brasil (**Anexo 5**) ou visionamento de aviões das caraíbas (**Anexo 5**) foram algumas das notícias que contribuíram para construir o grafismo do 3º grau sendo que as captações amadoras e vídeos de Youtube foram elementos assíduos.

Pode-se usar o argumento de que a diferença de dias entre os meses fez com que houvesse declive nos dados, mas a diferença, no que toca a peças jornalísticas com nível superior a 1, que é aqui referido, é de 38 notícias. Se em 3/4 dias houvesse uma média de 38 notícias superiores ao primeiro grau então o resultado deste estudo seria bastante diferente e as notícias de nível 1 figurariam a minoria. A acrescentar a esta informação está o facto de os noticiários não terem um número predefinido de peças, uma vez que se lida com o tempo e não com o número de histórias que vão para o ar. Durante o estudo registaram-se noticiários que chegaram a ter só 15 (**Anexo 18**) peças porque o tempo foi ocupado com grandes reportagens ou directos que se alongaram durante muitos minutos. Na posição oposta houve telejornais com 42 peças, todas elas curtas, no dia 2 de Março (**Anexo 17**).

As diferenças não existem somente entre meses mas também entre telejornais.

1º Jornal – Mês de Janeiro/Fevereiro de 2015

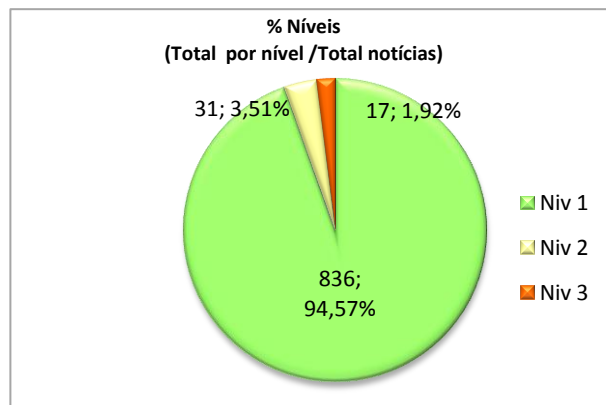
Percentagem dos 3 Níveis versus o total de notícias exibidas



Niv 1	927	94,79%
Niv 2	37	3,78%
Niv 3	14	1,43%
Total Notícias	978	

1º Jornal – Mês de Fevereiro/Março de 2015

Percentagem dos 3 Níveis versus o total de notícias exibidas



Niv 1	836	94,57%
Niv 2	31	3,51%
Niv 3	17	1,92%
Total Notícias	884	

Os telejornais da hora de almoço da SIC são um espécime interessante para estudo. A nível estatístico, é interessante observar que os primeiros Jornais de Janeiro/Fevereiro tiveram mais notícias de nível 1 do que no mês seguinte, mesmo apesar de temáticas como Charlie Hebdo terem sido frequentes e apresentadas com vídeos amadores. O nível 2 é superior em Janeiro/Fevereiro, mas Fevereiro/Março teve mais notícias de nível 3.

No que toca à estrutura do telejornal, é compulsório mencionar que este não é exibido em horário nobre, ao contrário do Jornal da Noite, característica que penso ser importante, pois influencia a qualidade das notícias apresentadas. A audiência durante este período do dia é menor em comparação com a noite e isso faz com que o cuidado com as notícias seja de igual forma reduzido. Além do horário, o período de tempo para sair em reportagem e preparar peças é menor. Em Portugal a maioria dos estabelecimentos só abre por volta das 9 da manhã e é nesta altura que grande parte da população fica activa. Com a abertura das “cancelas” iniciam-se as reportagens e a preparação de peças para um telejornal que começa às 13 horas. Assim sendo, o jornalista e o repórter de imagem têm somente 4 horas para entrevistar os intervenientes e filmar imagens. Mesmo que as entrevistas sejam marcadas para as 9 da manhã em

ponto, e mesmo que a matéria-prima da reportagem esteja pronta em uma hora e que os jornalistas demorem outra hora a chegar à redação ficam a sobrar somente duas horas para escrever a história, editar as imagens e dar voz *off* à peça. Digo isto tudo colocando uma colher de sopa de açúcar sobre a situação porque normalmente as entrevistas são um pouco mais tarde, as reportagens podem demorar mais tempo e a chegada à redação pode ser condicionada pelo trânsito, mau tempo ou distância entre o local da reportagem e a redação. Não obstante, há que ter em conta que cada reportagem tem uma história, horário e contextos diferentes. As duas horas referidas anteriormente seriam mais que suficiente para um jornalista veterano fazer uma, duas ou até três peças, mas para conseguir uma produção em massa muitas vezes a qualidade é sacrificada. Além da peça produzida à pressa, o Primeiro Jornal costuma ruminar várias notícias do dia anterior.

Ao acompanhar jornalistas como Paulo Varanda e Luís Manso pude observar como se trabalha durante a manhã. O ritmo é frenético, somente as perguntas e as imagens estritamente necessárias é que são recolhidas. A visão utilitária é tão vincada que a própria forma como o jornalista aborda a vítima/entrevistado é fria, distante e por vezes rude. A frieza e distância são imperativos para o jornalista não criar laços e ficar com uma visão enviesada do acontecimento, mas penso que o uso de alguma empatia para ajudar a compreender a situação do “outro” é bem-vinda. A nível emocional o organismo humano não é mumificado como o de uma máquina, mesmo que o jornalista consiga abandonar a sua humanidade durante alguns momentos para desempenhar a sua função. Por isso penso que essa completa supressão emocional, tarefa difícil, é tão negativa como andar a transbordar emotividade. Na SIC existem profissionais dos dois tipos de natureza.

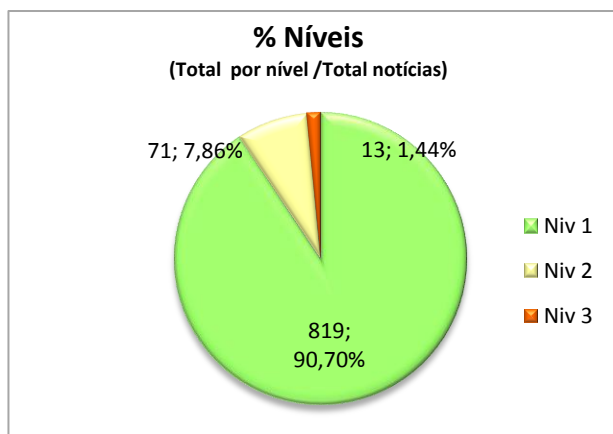
Quando refiro rude digo-o no sentido literal. Observei situações em que eram estabelecidas relações de poder. O jornalista estava “acima” do entrevistado, a ordem, forma e lei de quem estava a inquirir é que importavam porque o tempo era escasso. Muitas vezes não “dava para mais” ou nem sequer para dizer um “obrigado” porque o tempo é sempre escasso. Também assisti ao oposto. Acompanhei jornalistas que faziam da simpatia e humanidade o seu ponto de honra, mesmo tendo pouco tempo. Com mais ou menos acidez, as peças são feitas e todos os dias apresentadas nos telejornais.

Além dos factores humanos e temporais já mencionados, o jornal também sofre a nível estético, pois o grafismo é menos elaborado e frequente em comparação com a noite. No entanto, os jornais da noite utilizaram mais elementos tecnológicos do que os

da tarde como podemos observar se compararmos os gráficos seguintes com os que foram apresentados anteriormente.

Jornal da Noite – Mês de Janeiro/Fevereiro de 2015

Percentagem dos 3 Níveis versus o total de notícias exibidas



Niv 1	819	90,70%
Niv 2	71	7,86%
Niv 3	13	1,44%
Total Notícias	903	

Jornal da Noite – Mês de Fevereiro/Março de 2015

Percentagem dos 3 Níveis versus o total de notícias exibidas



Niv 1	742	93,81%
Niv 2	35	4,42%
Niv 3	14	1,77%
Total Notícias	791	

Durante o mês de Janeiro/Fevereiro o nível 2 do Jornal da Noite aumentou 4,08% e o nível 3 aumentou 0,01% em comparação com o Jornal da Tarde do mesmo mês. Em Fevereiro/Março também houve um aumento do uso de elementos virtuais mas menos significativo. Sendo assim, podemos considerar os telejornais da tarde mais “tradicionais” que os da noite uma vez que usam menos novas tecnologias? Penso que a amostra do estudo é curta para tirar essa conclusão. No entanto, é possível observar que a programação é diferente afetando, assim, o número de notícias exibidas em cada jornal e o aspecto gráfico.

O Primeiro Jornal teve o maior número total de notícias sendo que o 1º mês teve uma média de 30,56 notícias por noticiário, média que subiu para 31,57 no mês seguinte. Números que contrastam com o Jornal da noite sendo que Jan/Fev. apresenta uma média de 28,21 notícias e em Fev/Mar. sobe para 28,25. A sustentar a menor média de notícias do jornal de horário nobre está o facto de este exibir grandes reportagens

(em dois meses passaram 7)²⁹, reportagens especiais como os “Abandonados” (passaram 3 nos dois meses),³⁰ o “Futuro Hoje” (passaram 6)³¹ e as opiniões de Luís Marques Mendes e Miguel Sousa Tavares. Todos estes consomem muito mais tempo do que a típica notícia. Além disso, as grandes reportagens possuem uma natureza quase cinematográfica, propriedade que a peça comum não possui, ou não fossem estas uma “[...] composição sob forma de um vídeo ou de um filme, de uma série de informações respeitantes a um acontecimento particular, da actualidade, ou a um fenómeno particular da sociedade, numa mensagem real de uma certa duração.” (Jespers, 1998, p.168) O grafismo é aprimorado e mais frequente. As peças produzidas durante a manhã são retrabalhadas, melhoradas se possível, e as que foram preparadas durante a tarde foram feitas com mais tempo, são frescas. A interação entre o pivô e o *vidiwall* é mais frequente. Pivôs como Pedro Mourinho até usam portáteis ou *tablets*³² durante a apresentação do Jornal da Noite dando mais dinâmica e movimento ao telejornal. Pessoalmente, estes atributos trazem frescura, movimento e juventude aos noticiários e talvez essa seja a razão que fez com que o Jornal da Noite tivesse o nível tecnológico mais elevado. Num horário em que a audiência é vasta o objectivo é agradar a todos os gostos, chamando juvenis e seniores. Essa evocação é feita nem que seja com o “grito de Cristiano Ronaldo” (**Anexo 2**) para o telespetador ficar sensibilizado com os “50 anos da morte de Winston Churchill” (**Anexo 3**) e no fim descontrair com uma “visita virtual ao interior de edifícios” históricos (**Anexo 3**).

A viagem abandonou a virtualidade teórica assim que finalizei a primeira semana de madrugadas e ganhou uma vertente física que me pôs à prova na minha primeira saída em reportagem. Após três dias de repouso comecei a trabalhar na equipa de fim-de-semana, de Domingo, liderada por Pedro Mourinho, durante mês e meio.

²⁹ Grandes reportagens podem ser visualizadas em: SIC (2015). Grande Reportagem. *Site SIC*. [Internet] Disponível em: <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagem/sic>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

³⁰ Programa “Abandonados” pode ser visualizado em: SIC (2015). Abandonados. *Site SIC*. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/abandonados>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

³¹ Programa “Futuro Hoje” pode ser visualizado em: SIC (2015). Futuro Hoje. *Site SIC* [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/futurohoje>> (Consultado no dia de Setembro de 2015).

³² Pedro Mourinho com tablet na abertura do jornal: Hugo Alves (2013). Jornal da Noite: Início 2013. *Youtube*. [Internet] Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=308sGH6IR0E>> (acesso a 10 de Setembro de 2015).

Lugar de passagem

“Bom dia, são 7 da manhã, está no ar a SIC Notícias, 24 horas por dia em directo e em português.”³³

Foi a 31 de Março, dia de nascimento de René Descartes, fim de vida de Isaac Newton e extinção da Inquisição em Portugal, que comecei uma nova fase do estágio. Um período da minha estadia da SIC que não pediu grandes filosofias ou matemáticas, mas que podia abalar o credo. Não bastou pensar para somente existir³⁴. Tive que agir para mostrar que estava lá, pois o principal “leviatã”³⁵ que existia para dar directivas, durante esta fase, era eu próprio.

O jornalista que abriu a emissão da SIC notícias a 8 de Janeiro de 2001 era o meu novo tutor, Pedro Mourinho. À reunião com ele ficou estabelecido que iria folgar nos sábados e segundas-feiras e trabalharia nos dias seguintes. No meio de uma conversa amistosa e franca fiquei a perceber que as minhas funções passavam por sugerir temas de reportagem. Após as sugestões serem aprovadas eu teria a liberdade de pesquisar informação, preparar os contactos e construir uma peça que, com alguma sorte, poderia passar nos noticiários de Domingo (**Anexo 10**). Esporadicamente o Pedro Mourinho dar-me-ia tarefas diretas, como entrevistas ou apoio a jornalistas seniores. Após a reunião, as conversas com o meu tutor tornaram-se escassas e difíceis de realizar porque este raramente parava na redação por falta de tempo. O braço direito do meu novo professor, Isabel Mendonça, acabou por ser o membro mais presente e que mais me ajudou a integrar nesta nova redação.

Era uma sala, bem mais pequena do que a anterior, mais intimista. Havia menos jornalistas, menos ecrãs de televisão, menos barulho. O vivo vermelho da anterior redação dava lugar ao branco e ao castanho da madeira. Um lugar de contemplação. É aqui que trabalham os operários das grandes reportagens e onde habitam caras como José Gomes Ferreira, Rodrigo Guedes de Carvalho ou António José Teixeira.

A excitação inicial rapidamente deu lugar ao aborrecimento e desânimo. Devido à ausência na redação, a única forma de contacto com Pedro Mourinho era por e-mail e

³³ Palavras de Pedro Mourinho a abrir a primeira emissão da SIC notícias: Hugo Alves (2011). Estreia da SIC Notícias. *Youtube*. [Internet] Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=S9bmOzTZA9U-mourinho> > (acesso a 10 de Setembro de 2015).

³⁴ Frase parafraseia a máxima *Dubito, ergo cogito, ergo sum*/ Eu duvido, logo penso, logo existo" de René Descartes.

³⁵ O termo leviatã está relacionado, neste caso, com a obra de Thomas Hobbes *Leviathan* e com a problematização da soberania.

por isso as repostas às sugestões de temas de reportagem que apresentava muitas vezes tardavam. Perderam-se dias. O normal segundo o choro de antigos estagiários. Foram horas cheias de vazio, a questionar a minha própria existência naquele lugar. Apesar da lentidão, uma das propostas foi aceite, a primeira de duas reportagens que produzi enquanto por ali gravitei. Seguiu-se a preparação de informação e a marcação de entrevistas.

Finalmente aconteceu a primeira saída oficial em reportagem. Dia em cheio. O repórter de imagem era um *freelancer*, Rui Reino. Tivemos o dia todo para preparar a reportagem, um privilégio que só mais tarde percebi que o era. A teoria foi colocada em prática e a inexperiência foi evidente. As perguntas foram mal colocadas. O microfone foi mal posicionado. O tom de voz era deficiente. Ter um estranho a respirar atrás de mim com uma câmara a filmar outro estranho é desconfortável. Não há sinergia. A luz inquisidora da câmara é quente e indesejada. A situação é artificial, encenada e nervosa. É o jornalismo praticado por quem nunca o fez. Tanto para lembrar e descrever, para a minha peça jornalística e para a história que estou a contar. Muitos pormenores não têm espaço neste lugar pois iriam levar a uma espiral introspetiva e conseqüentemente a um monólogo, mas há um ponto que merece destaque, os jornalistas carregam consigo uma aura que se torna evidente assim que toca nas bolhas sociais alheias. Foi interessante observar a drástica mudança de comportamento das pessoas assim que percebiam que éramos jornalistas e que éramos de um canal de televisão. Desde a simpatia exacerbada a alguma hostilidade, as reacções eram o reflexo do poder que o jornalista tem.

O tripé, as baterias e a câmara são pesados. O jornalismo televisivo é pesado. É um jogo de expectativas. Apesar da densidade do dia, os objetivos foram cumpridos com sucesso, também graças ao apoio do repórter de imagem. Com esta experiência percebi como as imagens são depois retiradas da câmara, onde é que as podia buscar e conservar. Escrevi a história e preparei o filme. Faltava a aceitação do meu tutor, processo de novo moroso. Encontrar alguém que corrigisse o meu texto e que desse voz *off* à minha história foi vagaroso. Após estes procedimentos seguiu-se a marcação da edição da peça. Esta foi montada com sucesso. Incorporou reportagem, imagens de arquivo e um vídeo de Youtube. Ao inserir deliberadamente um elemento virtual à peça pude observar se havia algum tipo de atenção, cuidado, ou regras por parte dos editores de imagem em relação a estes elementos. O editor em questão identificou a fonte das imagens e respeitou o tempo de utilização de material de terceiros concebido aos jornalistas, tendência nem sempre registada no futuro. Seguiram-se dias de apoio a

jornalistas seniores em reportagens e a segunda proposta para reportagem foi aceite. Foi o ponto alto deste período. Esta segunda experiência diferente da primeira. Não só os temas, mas também os contextos em que ocorreram foram distintos. O primeiro contraponto foi não haver repórter de imagem. Foi preciso algum jogo de cintura para conseguir resolver o problema, mas arranjou-se alguém disponível nas fileiras, um repórter que demonstrou sempre pouca disponibilidade para dialogar. A reportagem correu bem. Estive mais tranquilo. No que toca à sinergia com o meu companheiro, foi gélido. Cheguei à redação e repeti o processo anterior, guardar imagens, escrever história, pedir ao Pedro Mourinho para dar o “Ok”, etc. Tudo a seu tempo. Quando chegou a altura de editar a peça aconteceu uma situação interessante. O editor considerou que as imagens filmadas não eram suficientes e não preenchiam os requisitos mínimos para figurarem numa peça daquela natureza. A situação azedou. Não comigo, mas com o repórter de imagem porque teve que ir de novo ao lugar da reportagem, mas desta vez sozinho, retirar mais imagens e essa situação gerou atrito entre o repórter, o director dos repórteres e o editor de imagem. Só mais tarde é que vim a saber do “bate boca” que houve nos bastidores e do fogo cruzado em que estava. As razões para esta situação ter acontecido podem ser de várias ordens, mas a mais forte e plausível, na minha opinião, foi o facto de os índices de motivação do repórter não terem sido os mais elevados assim que soube que ia fazer uma peça sobre uma exposição num museu e que ia acompanhar um estagiário. Tiro esta conclusão porque a atitude do repórter de imagem, ao contrário do primeiro que me acompanhou, foi de total desinteresse e apatia. Além disso a câmara não tinha nenhuma avaria e por isso as imagens não poderiam ter qualidade deficiente a não ser que o erro fosse humano. A sustentar a minha conclusão está também o facto de outros estagiários reportarem situações da mesma natureza. Apesar do avinagrar da situação, a peça foi editada, no meu último dia na equipa de fim-de-semana de Domingo. No próprio dia apresentei-me à equipa de cultura.

Este acontecimento em particular foi danoso mas enriquecedor. Uma vez mais, este lugar deu-me a oportunidade de ver as duas faces da moeda. Observei o quão vital é um bom trabalho de equipa para executar tarefas com qualidade e para manter organismos como a SIC saudáveis.

Apresentação do estudo

Parte II

Onze de Maio, início de funções na editoria de cultura liderada por Graça Costa Pereira. Editoria que lida com um conceito diversas vezes redefinido, pouco exacto e que antes era considerado somente um apêndice da orquestra política e económica. Traduzida em formas de expressão como a música, o cinema ou o teatro, a cultura antes era distinguida entre alta cultura e cultura popular, visão dual postulada por pensadores como Matthew Arnold e Frank Raymond Leavis.³⁶ Com o surgimento de *The Long Revolution* em 1961 de Raymond Williams o conceito é redefinido. Uma nova abordagem utilizada e trabalhada pelos Estudos Culturais e autores como Stuart Hall. Cultura passou a ser considerada uma forma de “*lived ideology*”, produzida e vivida quotidianamente, por quem vive de acordo com a ideologia e hegemonia vigentes ou por quem reage contra as mesmas, como as subculturas.

Onze de Maio, fim de vida de Bob Marley, hippie, um símbolo de uma subcultura com forte ligação à terra, laço que a cultura partilhava antes de esta ser considerada mais um acessório de poder ou alimento para a mente. Uma menção aparentemente desconexa mas que se relaciona com o que se está a debater uma vez que o conceito “cultura” era antes de tudo aplicado ao labor, agricultura, o tratar da terra. Tratamento que varia consoante o tipo de sementes que estão no terreno. Algumas não precisam de muito sol ou água enquanto outras necessitam até de corantes para terem uma cor rosada e apelativa à audiência. Há os alimentos base como a batata e há os doces como a romã. O fruto precisa de ser belo e apelativo para passar na exigente avaliação do público. Adocicado consoante o açúcar colocado, é preciso consumir grandes quantidades do fruto para saciar a fome. Em exagero pode levar à congestão e ao enjoou. A batata por outro lado não é tão elegante mas é consistente, pesada e dura. Precisa de ser bem lavada e cozinhada para facilitar o consumo e a digestão, uma absorção que pode ser de ordem metabólica ou mental sendo que a última pode ser ferida se a imagem for chocante ou quebrar algum tipo de tabu.

Ao alimentarmos a nossa curiosidade, a vontade de saber o que se passa no mundo, ou a veia voyeurista, quando vemos noticiários, também somos presenciados

³⁶ Dados e ideia retirados de: “Stuart Hall. A memória e a herança de um dos académicos do multiculturalismo”. *Comunicação Pública* [Online] Disponível em: < <http://cp.revues.org/859> > (Consultado no dia 15 de Setembro de 2015).

com diferentes tipos de alimento. A base e os doces. A base como já foi dito, é dura, rija e difícil de digerir se não for preparada, filtrada e censurada. Uma base que se traduz no jornalismo em *hardnews*, notícias sobre política, Saúde, sociedade (incêndios, desemprego, acontecimentos religiosos, acidentes, mortes, feridos etc.) economia e internacional. Até o entretenimento pode ser considerado *hardnews* se o ângulo não se limitar somente ao divertimento das massas. No lado oposto estão as *soft news*, reino dos *fait divers*, e do *lifestyle*. Açucaradas e ocas.

No estudo realizado observou-se que os elementos tecnológicos visados têm “preferências” por certos alimentos/notícias e temáticas. Numa comparação feita entre as notícias de Desporto e Saúde do Primeiro Jornal analisadas entre Jan/Mar observou-se que Desporto teve mais 7% de notícias com nível tecnológico superior a 1 do que as notícias sobre Saúde (**Anexo 20**). Somente uma notícia sobre Saúde teve nível superior a 1 no Primeiro Jornal entre Jan/Mar no dia 19/02/15 (**Anexo 17**). Estes dados inserem-se num contexto específico, pois as notícias sobre Justiça/Crime durante os dois meses foram a maioria e isso deu-se devido aos acontecimentos já referidos. Houve mais cem notícias sobre Desporto do que Saúde, mas apesar da diferença houve sempre uma tendência para o Desporto ter uma percentagem tecnológica superior. Essa inclinação fica mais evidente quando observamos as mesmas temáticas e o mesmo período de tempo mas no Telejornal da Noite, jornal com maior incidência de filamentos virtuais, como já foi observado. Neste contexto, o Desporto teve mais de 12% de notícias acima do primeiro grau em comparação com o tema da Saúde que mais uma vez só registou um caso em 20/01/15 (**Anexo 21**).

Ao comparar um tema que se enquadra na categoria das *hardnews*, Saúde, e outro nas *softnews*, Desporto, foi possível registar, neste caso, que as últimas são tratadas mais vezes com os novos acessórios tecnológicos. Antes de partir para uma nova comparação é importante referir uma temática *hardnews* que é 100% nível 1, a Educação. Tal como a Saúde, muitas das imagens que foram observadas eram repetidas, de arquivo.

Os seguintes temas comparados foram a Justiça/Crime e a Sociedade. Os dados mostram que uma vez mais os acontecimentos que ocorreram influenciaram a forma como cada assunto foi tratado. No Primeiro Jornal entre Jan/Mar, Justiça/Crime registou o nível tecnológico mais alto, pois teve mais 6,97% de elementos tecnológicos do que o tema da Sociedade (**Anexo 22**). No entanto, este era um desfecho previsível uma vez que o assunto em destaque foi os ataques ao Charlie Hebdo e este foi inserido na

categoria de Justiça/Crime. Este acontecimento foi colocado nesta categoria devido ao impacto que teve também no nosso país. Questionou-se a segurança em Portugal, a entrada de estrangeiros e o próprio jornalismo, ao contrário dos acontecimentos da mesma natureza que envolveram a Bélgica e a Dinamarca, que tiveram um impacto muito menor e que, de forma directa, só disseram respeito àqueles países. Uma vez mais a diferença é acentuada no telejornal da noite sendo que Justiça/Crime tem mais de 10% de notícias com índices tecnológicos acima do primeiro grau do que a temática da sociedade (**Anexo 23**). O nível 2 é o predominante.

Podemos observar que em ambos os temas se usa com mais frequência elementos tecnológicos do que temas como a Saúde ou a Educação apesar de serem também *hardnews*. Não obstante, os dados dos temas anteriormente comparados poderiam ser invertidos se acontecimentos de carácter social/sociedade tivessem sido predominantes e captados por vídeos amadores/retirados do Youtube.

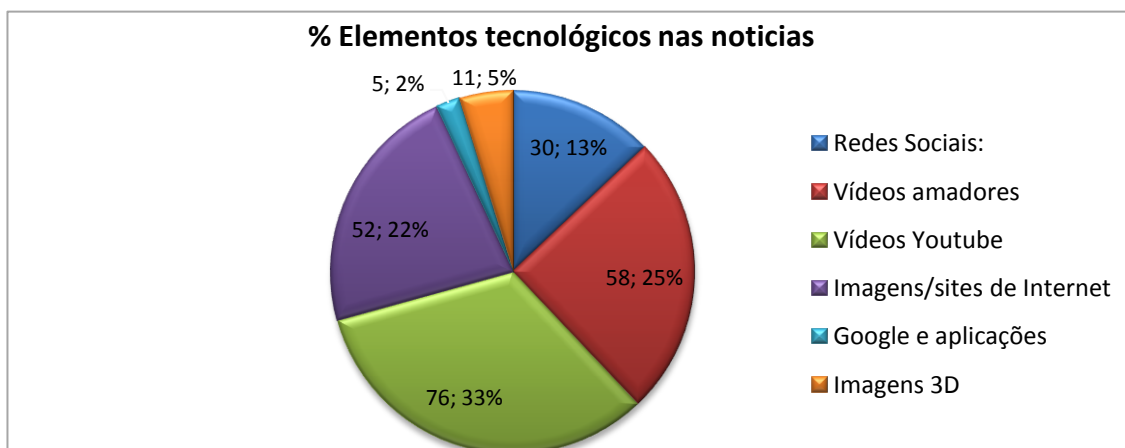
Foi feita também uma comparação entre Política e Internacional (**Anexo 24/25**), duas categorias *hardnews*, sendo que a natureza dos acontecimentos de cada classe foi o factor que mais marcou o declive tecnológico que separa as duas categorias. Internacional teve mais elementos tecnológicos, diferença que aumentou uma vez mais no do segundo mês, do que Política. Ao comparar estes dois grupos é possível observar que o tipo de acontecimento e o material disponível são vitais para o tratamento da notícia.

A categoria “Outros” é uma classe diferente das demais. Enquanto serviu para colocar as notícias *fait divers* que não eram possíveis de ser enquadradas num panorama desportivo ou social, também serviu para registar o número de comentários de convidados, a meteorologia, euromilhões e separadores/peças que eram auto promoção para outras peças/grandes reportagens ou produtos da SIC. Esta categoria não é completamente válida a nível comparativo, mas não deixa de ser necessário referir que se registaram peças com níveis superiores a 1 sendo que estas eram *fait divers*, *softnews* adequadas de Youtube/Facebook/vídeos amadores, entre outros.

Como foi observado ao longo dos dois meses, as *hardnews* são mais resistentes ao uso das novas tecnologias. Além de menos frequentes em comparação com as *softnews*, estes elementos só figuram neste tipo de notícias se o acontecimento primordial for captado por algum destes elementos e se essas imagens forem as únicas existentes. A nível político aparece o ocasional *post* no Facebook de algum deputado com o intuito de apimentar a conversa. No internacional, surgem vídeos amadores que

são obtidos através de imagens de agência, pouco há a fazer nestes casos, e o mesmo se aplica ao Youtube, sendo que este tipo de vídeo é menos comum em comparação com a secção de Desporto. A secção desportiva é a que mais utiliza estes elementos, contrastando com a Saúde. Ao não utilizar estes acessórios tecnológicos, sendo que também não há muitos ao dispor, observa-se na Saúde uma grande repetição de imagens de arquivo, factor que as novas tecnologias visadas podem ajudar a suprimir se forem usadas correctamente. As novas tecnologias podem eliminar o paradoxo do “[...] não há passado nem futuro no cosmos: todas as histórias estão no presente” (Bucci, 2006: 17) uma vez que as imagens de arquivo são do passado mas são constantemente evocadas no presente.

Os elementos tecnológicos mais presentes nas notícias foram os vídeos retirados do Youtube, seguido de vídeos amadores. Em terceiro lugar surgem os sites/imagens de internet. A existência de diversas ferramentas que permitem retirar vídeos do Youtube com facilidade, rapidez e qualidade razoável faz com que estes sejam os utensílios tecnológicos mais assíduos nos noticiários analisados. Há que ter em conta que o Youtube é um “armazém”, uma plataforma de partilha de vídeos, sendo que o que é muitas vezes retirado neste site são imagens amadoras. Devido a esta situação, os elementos que aparecem em primeiro e segundo lugar estão em algumas situações interligados.



Elementos tecnológicos	Nº	%
Redes Sociais:	30	12,93%
Vídeos amadores	58	25,00%
Vídeos Youtube	76	32,76%
Imagens/sites de Internet	52	22,41%
Google e aplicações	5	2,16%
Imagens 3D	11	4,74%
Total	232	

É inegável que o surgimento destes novos utensílios auxiliou o trabalho dos jornalistas. Agora é possível recorrer com menos frequência ao arquivo para ilustrar uma peça. Já é possível obter imagens *in loco* sem que o jornalista precise de sair da sua secretária. A nível imagético tornou-se mais fácil manter uma peça atualizada e fresca. No que toca a conteúdos, estes tornaram-se quase ilimitados uma vez que o ciberespaço abriu uma porta com uma tremenda intensidade informativa. Passou a ser necessário filtrar os *terabytes* de informação que os computadores todos os dias recebem e que olhos e mente do jornalista processam. Uma mudança de paradigma que rompe directamente com o passado e que penso que em pouco tempo se vai emancipar na sua totalidade em todos os campos.

Apesar dos benefícios, estes novos elementos podem levar ao facilitismo. Podem atuar, de forma paradoxal, como uma força que fortalece a descontextualização em vez do oposto. Será que a telepresença³⁷ sai reforçada com a utilização destes novos instrumentos? Ajudam o telespetador a “aproximar-se” do acontecimento e personagens principais?

³⁷ Conceito de telepresença aqui mencionado foi retirado em *Defining Virtual Reality: Dimensions Determining Telepresence* (1993) de Jonathan Steuer. O autor refere a realidade virtual e faz uma distinção entre presença e telepresença. O autor refere que a presença é criada através dos nossos sentidos, os nossos sensores físicos que trabalham em conjunto para nos dar a percepção de um local e de uma situação. Isto é uma percepção que não é mediada tecnologicamente ao contrário da telepresença permite-nos ter dois níveis de percepção: a percepção física, o que sentimos quanto estamos na nossa sala sentados, a olhar para um ecrã e a percepção mental que é mediada mecanicamente, dando-nos a sensação de estarmos “lá” (naquele mundo que estamos a visionar através do ecrã) enquanto estamos na verdade cá.

Novo “ópio do povo”³⁸

“Em poucos segundos o depósito de pólvora desapareceu.

Fragmentos de todo o tipo foram lançados para o céu.

As pessoas que estavam por perto correram o que puderam para conseguirem proteger-se desta chuva de explosivos”.³⁹

Um minuto e trinta e seis segundos de poesia descrevem a explosão numa fábrica de pirotecnia na Colômbia que fez dois feridos (**Anexo 2**). O vídeo amador grava a onda de choque e o fogo-de-artifício. A nível factual a peça cinge-se somente ao que o título refere. Podia ter sido encurtado para um *off* mas a violência e a espectacularidade da explosão captadas fazem deste acontecimento “digno” de peça jornalística. Este exemplo toca em diversos pontos e defeitos mencionados ao longo do trabalho. O primeiro está relacionado com a identificação. O vídeo é amador, mas não há nenhuma menção desse facto, apesar da sua natureza óbvia. Não se percebe se as imagens são de agência ou se são retiradas de Youtube, uma vez que elas estão presentes nessa plataforma, como é indicado no anexo acima. Outro problema é a inexistência de contextualização geográfica. Não há interesse em explicar onde é a Colômbia ou Bogotá. O narrador conta a história das pessoas que por ali passavam. É mais importante o poder visual do acontecimento e referir que as “pessoas que estavam por perto correram o que puderam para conseguirem proteger-se”, como se o normal fosse fazer exatamente o oposto, do que referir que a Colômbia é um país da América Latina e faz fronteira com o Brasil. Penso que colocar um mapa por breves segundos seria compulsório em situações como estas. No entanto, o que interessa é a beleza das imagens e não o país em si uma vez que este é “distante” do nosso. Sem os novos elementos tecnológicos esta peça teria sido apresentada de maneira diferente. O mesmo se aplica ao “fenómeno meteorológico raro na costa do Recife” citado anteriormente (**Anexo 5**). A jornalista explica que este acontecimento deu-se no Brasil mas uma vez

³⁸ A expressão original é “A religião é o ópio do povo” de Karl Marx presente na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1844). Com o “desencantamento do mundo”, referido anteriormente, considero que tenha surgido um novo ópio do povo que é traduzido em consumismo e capital também perpetuado pelos média. Neste caso o consumismo é de ordem psíquica, pois obtém-se entretenimento através da visualização de “notícias”.

³⁹ Palavras e notícia presentes: SIC (2015). Explosão numa fábrica de pirotecnia na Colômbia faz 2 feridos. *Site SIC*. [Internet] Disponível em: < <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-06-Explosao-numa-fabrica-de-pirotecnia-na-Colombia-faz-2-feridos-noticia> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015). (**Anexo 2**)

mais os vídeos não estão identificados. A natureza das imagens sobrepõe-se de novo ao local, pessoas e acontecimento em si, sendo que o que merece ser destacado é o espectáculo, pois houve uma “ [...] transformação da informação num produto comercial cujo valor está nas audiências que consegue gerar (Saraiva, 2011, p. 32).”

Estas notícias não têm grande impacto no panorama social, político ou económico e por isso caem na categoria de *softnews*, mas até este tipo de notícias podem estar devidamente identificadas e contextualizadas geograficamente. O “desporto” de ver aviões nas caraíbas, também já referido, é um exemplo disso mesmo (**Anexo 5**). Os vídeos estão devidamente identificados com uma legenda a dizer “imagens Youtube”, o jornalista faz uma boa contextualização referindo o nome da praia, da ilha, a nacionalidade das antilhas e o nome do aeroporto a que é adjacente. No entanto, sou uma vez mais apologista do uso de mapas porque são mnemónicas visuais para quem já sabe e dados informativos úteis para quem nunca ouviu falar. Com a crescente fluidificação das barreiras geográficas, penso que é vital haver melhor contextualização geográfica dos acontecimentos, uma vez que no “mundo real” essas fronteiras continuam a ser reais, vincadas e por vezes até hostis. Ao banalizar o local do acontecimento este torna-se somente isso, só mais um lugar. Não interessa a história, a geografia ou a cultura. Os lugares passam a ser somente palcos para a representação. São, como Marc-Augé refere, não-lugares⁴⁰, locais de transição. Na definição clássica estes dizem respeito a sítios como o metro, supermercado ou o aeroporto. Neste caso o conceito aplica-se no sentido em que o telespetador quando vê espelhado no seu televisor os eventos noticiosos, este transita de acontecimento em acontecimento a grande velocidade, sem criar raízes com o que está a ver a não ser que o grau de proximidade seja muito elevado. Este fenómeno pode ter um efeito ainda mais nefasto, pois penso que o estereótipo reside no desconhecimento. Se não houver contextualização que justifique o que se está a observar presumo que podem acontecer duas situações. A primeira pode ser indiferença ou estranheza ao ver costumes como a autoflagelação nas Filipinas durante a Páscoa. Outra pode ser o surgimento do estereótipo ao serem evocados costumes como o Ramadão, uma vez que aos olhos do Ocidente a comunidade muçulmana não prima pelos seus actos pacíficos ou “normais”.

“Most disturbingly, it may be that just as the news’ tendency to reduce people to stereotypes and narrative roles dehumanizes these subjects [...] the ‘deplating’ of the worlds

⁴⁰ *Não-lugares* (1995), de Marc Augé observa e tenta compreender a cidade/sociedade contemporânea ao analisar os ditos “não lugares”, lugares de passagem como os supermercados.

that fill our news may also make it easier to devalue and decry lands beyond our own.” (Huxford, 2007: 13).

Os signos visuais têm o poder de diluir ou potenciar as *schemata*, os estereótipos, em acontecimentos como o atentado ao Charlie Hebdo. As imagens amadoras do atentado foram repetidas diversas vezes durante os primeiros dias. Os telejornais da SIC evidenciaram no início os danos humanitários, intelectuais e ideológicos que este acontecimento provocou. No entanto, a questão é mais profunda pois evoca um espírito bélico quase medieval em que colidem o Ocidente e o Oriente. Um estado de guerra em que somos “nós” contra os “outros”. Esse espírito é facilmente reacendido uma vez que a representação que o Ocidente faz do Oriente, através de imagens, filmes, vídeos, histórias, cria um universo tangente e essencialista que reduz os orientais a uma natureza quase fictícia. Edward Said refere, em “*Orientalism*”⁴¹, como a visão eurocêntrica é subtilmente inculcada desde o nascimento de um indivíduo europeu.

As imagens amadoras em questão, presumo, ficam facilmente gravadas na psique sendo imperativo, uma imediata contextualização e esclarecimento que os responsáveis do ataque não são representantes da nação, credo ou classe social do qual faziam parte. O apelo para a não generalização e hostilização em Portugal apareceu horas mais tarde e surgiu nas palavras de Sheik Munir, o Imã da Mesquita de Lisboa, em comentário ao que se tinha sucedido.⁴² A ferida estava aberta e a repetição das imagens poderia aumentar o tamanho do ferimento. Além do acontecimento ser fraturante, as imagens não estavam identificadas apesar de ter havido em certas ocasiões uma menção oral de que eram imagens recolhidas no local, Paris, e eram amadoras. As peças jornalísticas e comentários que se seguiram traçaram o contexto histórico, político, social, religioso e social de forma a perceber as razões que levaram a este ataque. A peça “Cinco Minutos de Terror” (**Anexo 2**) é um exemplo dos benefícios que a nova tecnologia oferece, uma vez que foi possível observar com o auxílio do Google, vídeos amadores e grafismo, a fisicalidade do local em que se deu o ataque.

Apesar de tudo, penso que é preciso ter reservas com as imagens amadoras e retiradas de Youtube, uma vez que estas podem ter sido sujeitas a manipulação. O vídeo

⁴¹ Edward Said apresenta-nos em *Orientalism* (1978), p.13-30 como é que o Ocidente representa o Oriente e como indivíduos de culturas distantes da nossa são vistos como os “outros.”

⁴² Palavras de Sheik Munir em: Últimas Notícias (2015). Sheik Munir diz não compreender atos de terrorismo em Paris. *Youtube*. < <https://www.youtube.com/watch?v=fYzWim1pofg> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

em que aparece Yanis Varoukis a fazer um gesto obsceno⁴³ é um exemplo que ilustra situações desta natureza. O jornalista tem a obrigação de confirmar as fontes mas ao estar inserido numa situação complexa e acelerada, que faz parte do seu trabalho, e ao levar com uma corrente de informação tão forte, o risco de erro é grande. O perigo e as consequências do erro aumentam consideravelmente quando o ciberespaço é usado para ilustrar as *hardnews* ao contrário das *softnews*.

Lembram-se do grito de Ronaldo evocado algumas páginas atrás? (**Anexo 2**). Este é um tipo de peça que mostra o facilitismo que a internet pode oferecer. A “notícia” é um compacto de vídeos a parodiarem com o protagonista. Como já foi indicado, o catálogo de *fails*, *pranks*, vídeos virais, catástrofes e proezas presentes na internet é virtualmente inesgotável. Se o objetivo era entreter as massas penso que foi bem conseguido, mas acho que estes elementos deviam ser usados para engrandecer o jornalismo de outras maneiras. Apesar de tudo, as imagens estão identificadas. O mesmo se aplica à peça “Tanaka é o homem do momento em Alvalade” (**Anexo 2**). Presenciei a manufactura desta “notícia” na altura do Opinião Pública. Era fascinante ver o jornalista a rejubilar cada vez que encontrava no Youtube material que pudesse ser utilizado. O resultado foi uma peça feita somente com vídeos de Youtube em que a mescla entre a baixa resolução das imagens e caracteres japoneses fazem questionar o padrão de qualidade do canal. A grande velocidade passamos para um “Lamborghini que se despistou a 334 km/h.” (**Anexo 3**) peça de natureza semelhante às anteriores e em que as imagens também estão identificadas.

Os três momentos jornalísticos referidos no último parágrafo levantam uma questão: qual é a relevância jornalística deste tipo de peças? Sem a existência do Youtube ou a capacidade dos telemóveis ou outros de captarem imagens de forma rápida, estas “notícias” nunca teriam sido notícia. Outras reportagens muitas vezes não são exibidas porque estes blocos noticiosos absorveram o tempo que havia. Será que cada vez se sai menos em reportagem em comparação com o passado uma vez que é possível fabricar espasmos visuais rotulados de “notícia” com relativa facilidade tendo à disposição estes elementos tecnológicos? Se assim for, o jugo da contenção de custos só pode ver com bons olhos estes utensílios do ciberespaço, mas a meu ver está a perder-se qualidade.

⁴³ Situação explicada em : TheGuardian (2015). “I faked Yanis Varoufakis middle-finger video, says German TV presenter. Site *The Guardian*. [Internet] Disponível em: < <http://www.theguardian.com/world/2015/mar/19/i-faked-the-yanis-varoufakis-middle-finger-video-says-german-tv-presenter> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Em 1957, “Era da Técnica: à procura de uma linguagem”, (Saraiva, 2011, p.16) o jornalismo televisivo procurava a sua própria linguagem. Paradoxalmente, a televisão do presente volta de certa forma ao passado, pois estamos na “Era do Virtual: novamente à procura de uma linguagem própria” (Saraiva, 2011, p.29). Ao dominar um novo idioma, que se impôs veloz e agressivamente, penso que os erros não só são normais como importantes para encontrar um equilíbrio, pois também há exemplos que merecem ser enaltecidos e que mostram o potencial desta nova Era como a “Gravidade Zero” (**Anexo 2**), uma edição do programa “Perdidos e Achados”. Nesta reportagem é possível observar como uma aplicação como o Skype consegue reunir pessoas de diferentes pontos do mundo numa só sala de conversação, facilitando a exibição e produção da reportagem.

A televisão vive do teor imagético e esse é agora mais abundante que nunca e fácil de forjar devido à rapidez com que se criam representações em 3 dimensões (**Anexo 4**)⁴⁴ e através do *Chroma Key*. Pessoalmente penso que estes novos elementos, aliados com os tradicionais, podem potenciar uma maior aproximação e entendimento dos telespetadores em relação aos eventos que ocorrem. No entanto, estas imagens são sempre reféns da forma como são tratadas e apresentadas sendo que podem melhorar ou piorar a qualidade da notícia. Cabe ao jornalista definir qual dos caminhos quer adoptar, se o do fornecimento do novo ópio ao povo, ópio do consumismo e do entretenimento, disfarçando-o em “notícias” ou apresentar uma versão mais holística possível da realidade com os novos instrumentos fazendo de facto notícias.

⁴⁴ As imagens do anexo que dizem respeito à representação 3D acontecem no minuto 17:53- 18:02. Estas imagens foram observadas em mais situações, mas não foram encontradas, além da reportagem mencionada, mais peças no site da SIC ou outras plataformas que pudessem ilustrar e documentar o que aqui está a ser referido.

Expurgação II

Uncanny Valley

“À semelhança do que acontece com a cenografia teatral e museal, a cenografia de informação televisiva situa-se na encruzilhada da arte do efémero e do espectáculo e das inovações tecnológicas (Saraiva, 2011, p.86).”

Além de um palco bem montado e dos adereços cénicos, a indumentária e maquilhagem dos actores é de igual forma vital.

“Esta é a sala da transformação!

Qualquer convidado e apresentador passa por aqui, para ser penteado, tirar brilhos e sombras do rosto.”⁴⁵

A imagem dos protagonistas deste acto performativo é aprimorada e torna-se bandeira estandarte de toda uma máquina persuasiva que apela ao *logos*, *pathos* e *ethos*⁴⁶ do telespetador. O pivô, jornalista que está num directo ou comentador, são esmiuçados por quem os vê. Desde ao cabelo, aos óculos, a roupa, gestos e forma de falar. Para evitar um defraudamento da expectativa é imperativo corresponder a um número de padrões que vão desde à beleza ao ar sóbrio e credível. Matrizes que penso que se enraizaram devido ao hábito e à rotina. Costumes imagéticos e retóricos que assim que fogem da “normalidade” tornam-se reféns do crivo popular, reacção que presumo ter como culpado o próprio jornalismo e a cultura do país.

Durante o estádio inicial, no Opinião Pública, e final, na editoria da cultura, do estágio estive perto do estúdios em que são exibidos os telejornais e a emissão da SIC Notícias. Observei de perto o processo de transformação dos pivôs e dos jornalistas. Ouvi histórias e casos que serviram como justificação para o cuidado que se tem com a imagem que se aparenta ter em televisão. O “perigo” dos brincos, sacrilégio em homens, das tatuagens, da cor da gravata que subliminarmente pode indicar uma preferência partidária ou clubística, de um cabelo espetado ou “despenteado”, de uma cara cansada ou de uma voz desafinada. Os padrões de “beleza” ou até onde se pode ir sem

⁴⁵ Informação presente num dos placares espalhados pela SIC que explicam e contam a história da instituição. Estas palavras estão gravadas na placa da caracterização

⁴⁶ Na *Retórica* de Aristóteles o *ethos* (ética/moral), *pathos* (paixão/lado emocional) e *logos* (razão) são três aspectos fundamentais na persuasão. Elementos que ainda hoje são utilizados no marketing e em âmbitos políticos e jornalísticos como o fabrico do consenso num período de pré-guerra referido e problematizado por John Richardson em *Analysing Newspapers* (2007), p. 178-218.

ultrapassar limites (qual é o limite de o decote uma pivô?) são discutíveis. No entanto, não deixei de observar que há uma incansável tentativa de encenar uma situação de perfeição. Na situação ideal o pivô não se pode enganar uma única vez, pois o telespetador vai distrair-se com essa gafe/ruído e a mensagem perde-se de imediato, e a reprimenda por parte da régie é instantânea. Esse engano pode estar relacionado com uma palavra mal dita, um olhar para a câmara, gestos, roupas ou cor de cara “estranhas”. Senti que se pede um robô que tenha a habilidade de transparecer credibilidade, jovialidade, carisma, capacidade de adaptação e persuasão num constante luta pelo tempo e do *catch-all* demográfico. Ciborgue este, de carne e osso, que ajuda a criar um *uncanny valley*, termo cunhado por Masahiro Mori em 1970⁴⁷. Classicamente este conceito aplica-se à robótica, ou animação 3D para jogos, filmes entre outros, e explica a sensação de estranheza ou repulsa que temos ao observar uma representação de um Ser Humano que se assemelha à realidade mas que não é idêntico como é visível em filmes como o *The Polar Express* e *Final Fantasy: The Spirits Within*. É criada uma imagem que não é natural. Os jornalistas não se comparam aos modelos, que mais tarde são retocados com Photoshop, aos actores que se submetem a cirurgias plásticas e outras celebridades, mas penso que também fazem parte de uma esfera mediática que fabrica uma imagem utópica que será protótipo seguido pelo indivíduo comum. Assim que os actores são destituídos das propriedades sobrenaturais atribuídas pela maquiagem e pela luz tornam-se completamente diferentes. “Muitas vezes, as pessoas (jornalistas) estão na rua, de jeans, desmaquilhadas, e não as reconhecem. Ah, a menina é tão diferente do que é na televisão.”⁴⁸

Entendo a necessidade de haver este “jogo” apesar de discordar com algumas regras. No entanto, durante os 6 seis meses de estágio, falhei em compreender a necessidade de continuar o jogo fora do palco, especialmente quando este era jogado por jogadores que não eram sujeitos à violência do descortino público que um pivô ou jornalista de grande renome são alvos. Não percebia porquê que o repórter de imagem com que saía em reportagem na editoria de cultura era constantemente criticado pelos colegas do mesmo ramo por usar calções. Não compreendia a razão que levava alguns jornalistas a produzirem-se com a mais fina cor para ir fazer uma reportagem sobre um

⁴⁷ *Bukimi no Tani Genshō [Uncanny valley]* (1970) é uma obra de Masahiro Mori em que surgiu o termo Uncanny Valley originalmente associado à robótica e à animação.

⁴⁸ Palavras presentes em artigo do Jornal Público: Anabela Mota Ribeiro (2010). A roupa que se veste importa. *Jornal Público*. [Internet] Disponível em: < <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-roupa-que-se-veste-importa-1468653> > (acesso a 10 de Setembro de 2015).

buraco na estrada e para ficar bem no “vivo” final da peça, sendo que este nem era compulsório. Não entendi o passatempo fofoqueiro que havia acerca do que cada um usa ou deixa de usar na redação. Nutri um profundo desprezo por algumas destas práticas lúdicas que observei na SIC. É uma passerelle de vaidades, uma luta por uma imagem que penso que “engoliu” alguns jornalistas/trabalhadores da SIC. Acaba por ser um fenómeno paradoxal pois *o modus operandi* destes indivíduos mostra, ou pelo menos penso que assim é, o quão “formatados”, carentes de atenção e humanos estas pessoas são apesar de refutarem essa mesma humanidade, pois é olhada com vulgaridade. É um “eu” de porcelana que, como Freud e Lacan já diziam, enquanto consciência pura não existe, pois a visão que temos de nós próprios é composta por um reportório que nos é dado e que não é totalmente produzido por nós⁴⁹. É um espírito elitista de uma elite que acho que não o seja e que defendo que nunca deva considerada como tal. Primeiro há muitos jornalistas, não é uma classe que se limita a uma dezena de pessoas logo não pode ser considerada uma elite, muito menos pela qualidade do trabalho que por vezes apresenta. Desde aos que estão no activo aos que estão a efervescer com talento e vontade para mostrarem trabalho. Por fim, se apelarmos ao pragmatismo, qualquer agricultor ou pescador, referindo somente alguns, terão sempre mais importância que um jornalista. Os últimos podem movimentar e alertar as massas, mas esse despertar de atenções surte pouco efeito se os estômagos estiverem vazios e se o instinto não estiver suprimido. É um vale da estranheza em que os louros são distribuídos por uma ordem de mérito invertida criando uma falsa superioridade moral entre classes. Um vale que não diz só respeito ao aspecto humano mas também ao aspecto das notícias.

Tal como a pirite, que engana por ser brilhante e amarela, um acontecimento pode ser revestido para que se pareça com uma notícia sem no entanto o ser. Este é o ouro dos tolos que engana mineiros inexperientes e telespetadores desatentos ou sem grande poder crítico.

“...this stuff falls into the uncanny valley of news because it’s aired on channels or shows with the word “news” in the title. They’re close to the real thing, but not quite. This is a huge problem, especially in television, where the medium doesn’t really distinguish at all between facts and opinion.”⁵⁰

⁴⁹ Conceito trabalhado ao longo do livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, de Marco António Coutinho Jorge em que o inconsciente e a psique do sujeito são os objectos de análise.

⁵⁰ Palavras presentes no site Contently: Shane Snow (2015). The Uncanny Valley of Content, or Why Fox News Should Stop Pretending to Be a News Network”. *Site Contently*. [Internet] Disponível em: <

Quando Miguel Sousa Tavares ou Luís Marques Mendes participam no telejornal da SIC é explícito que o está a ser mencionado é de teor opinativo. Uma vez que o jornalismo, no sentido conservador do termo, é incompatível com a opinião, pode-se considerar que o telejornal é “suspenso” durante o período em que os intervenientes estão a avaliar situações? Pelo que foi observado tal não acontece. As notícias e opiniões são mescladas sendo que o telejornal adquire assim uma faceta dúbia e enviesada. Ambiguidade que é também reforçada quando um telejornal faz auto promoção de um produto do canal que representa entrevistando actores/modelos de telenovelas que vão estrear ou que tiveram grande sucesso sendo esta a “notícia”.

<http://contently.com/strategist/2015/07/02/the-uncanny-valley-of-content-or-why-fox-news-should-stop-pretending-to-be-a-news-network/> › (Consultado no dia a 10 de Setembro de 2015).

Paideia⁵¹

“While media reflects the evolution of society, it also absorbs these changes within itself. Hence it is important that journalists engage in self reflection and critically re-evaluate the values and practices in their profession.” (Aslam, 2011, p.3)

A maior aprendizagem, jornalisticamente falando, deu-se durante os dois meses finais do estágio na editoria de cultura. Uma equipa acolhedora, curta para tantas tarefas, mas competente, rápidos e vivos, características diferentes das observadas em outros membros que gravitam na redação. Um grupo constituído por Miguel Andrade, Joana Alemão, Paula Pica, Graça Costa Pereira, Joana Sousa, Sílvia Rato e os repórteres de imagem Euclides Semedo e Edgar Ascensão, nomes que menciono como forma de homenagem. Fiz diversas peças e todas elas passaram no cartaz cultural e duas passaram no Jornal da Noite. A dificuldade com a escrita “jornalística” não foi totalmente suprimida mas foi atenuada, pois o lirismo e a elaboração desnecessária deram lugar ao pragmatismo e à velocidade. As reportagens deixaram de ser tão tensas e pude usar a minha criatividade na montagem das peças. Também houve tempos “mortos”, sem funções para desempenhar além do rotineiro *ticker* (**Anexo 11**), pois esta fase do estágio incidiu com as férias de muitos membros da equipa e isso afectou o processo de distribuição de tarefas e de acompanhamento, mas apesar de tudo, este foi o ponto alto de todo o estágio. Esta foi a altura em que pensei *eu gosto de fazer isto, é isto que quero fazer*. Integrar a equipa da cultura foi uma porta que me permitiu conhecer diversas personalidades e adquirir conhecimento extra jornalístico que de outra forma não seria possível. Lamento somente a curta estadia.

No entanto, durante este período vi também confirmadas as minhas suspeitas no que toca aos vídeos retirados do ciberespaço que não eram identificados, mas com qualidade suficiente para passarem despercebidos. Fiz *download* de trailers e excertos de filmes, para ilustrarem as minhas peças e nenhuma delas foi identificada. Deliberadamente observei de forma passiva, sem lembrar ou avisar os meus tutores ou editores em relação à natureza das imagens, o desenlace do processo. Como já referi anteriormente, havia editores de imagem e jornalistas que não se “lembravam” ou importavam de identificar a fonte das imagens mesmo sabendo a natureza das mesmas, mas a situação mais marcante foi observar a directora da cultura referir que a

⁵¹ *Paideia*, do grego, é como Werner Jaeger menciona em *Paideia a Formação do Homem Grego* (2003): o “processo de educação na sua forma verdadeira, a forma natural e genuinamente humana”. *Paideia* diz respeito à educação e à cultura construída a partir dessa mesma educação. Este era um ideal cultivado pelos gregos.

identificação dos vídeos não tem importância. Houve dois casos que salientaram este problema.

O primeiro deu-se quando morreu um actor que já tinha trabalhado na SIC, Nuno Melo. Assim que se soube da notícia a editoria de cultura ficou responsável por fazer um *off* rápido e depois partir para a elaboração de uma peça. De imediato recorreu-se ao arquivo para ir buscar imagens de programas e telenovelas da SIC em que o actor tinha figurado, mas algumas imagens só podiam ser acedidas com a permissão da chefia, autorização que tardou em chegar. Entretanto a equipa tinha que produzir algo, pois os outros canais já estavam a exibir a notícia e imagens do actor. Para colmatar o problema recorreu-se ao *download* na internet, feito por mim, de peças de teatro, filmes e telenovelas em que o actor tinha participado. As imagens de Youtube “pintaram” o *off* produzido por um membro da equipa sem que houvesse qualquer identificação. A perfeição pode ter dado lugar à pressa, mas foi neste episódio que a directora da cultura reforçou a ideia de que não era preciso mencionar de onde é que os vídeos vêm. Este foi um acontecimento que mostrou a burocracia que envolveu um processo tão simples como ir buscar imagens de um actor da “casa” e quiçá, presumo, a necessidade de sonegar as fragilidades da instituição. Se os vídeos tivessem uma legenda que apontasse para o facto de terem sido retirados do Youtube talvez a seguinte questão fosse facilmente levantada: o que é que há de tão errado com uma entidade dos média que chega ao ponto de ter que recorrer a imagens de terceiros para homenagear um operário que trabalhou durante tantos anos naquela empresa? Questão que levantei quando analisei uma edição dos perdidos e achados sobre as “Dobragens de Desenhos Animados” (**Anexo 4**) em que foram utilizados excertos de uma série animada de televisão chamada Dragonball. Os desenhos animados em questão passaram durante anos na SIC, no entanto em vez de usarem as imagens originais os excertos retirados estavam identificados como sendo do Youtube. O facilitismo, a falta de tempo ou a burocracia levaram também esta situação?

O segundo caso está relacionado com a última peça que fiz no meu estágio. A nossa produtora tinha na posse imagens em alta definição que tinham que passar pelo “sistema” para que eu as pudesse manusear e construir a história. No entanto, foi evidente que o “sistema” não estava preparado para processar vídeos com quase 10 *gigabytes* uma vez que o canal em questão nem transmite em 16:9. Foi de novo preciso ir ao ciberespaço buscar material para ilustrar a peça sobre o Homem Formiga (**Anexo 6**), peça que uma vez mais carece de identificação.

Se esta é a forma de trabalho habitual então o número de vídeos com elementos tecnológicos que foram exibidos entre Janeiro e Março é muito superior ao que foi mencionado no estudo, uma vez que a qualidade imagética destes já é suficientemente boa para passar despercebida. No entanto, o estudo permitiu concluir que o tipo de acontecimento e material ao dispor são vitais no modo de tratamento da notícia. Foi possível perceber que mais facilmente o Youtube/vídeos amadores, entre outros, são usados em *fait divers* e notícias desportivas, *softnews*, do que em assuntos como política e economia, *hardnews*. Conseguiu-se traçar o perfil que distingue o Jornal da Tarde e o Jornal da Noite sendo que o último é mais rico graficamente e usa mais elementos do ciberespaço, pelo menos nos dois meses analisados, do que o Telejornal da Tarde que tem um aspecto mais tradicional. Os elementos virtuais mais frequentes são os vídeos Youtube e a explicação para tal reside na facilidade e rapidez com que é possível obter as imagens desta plataforma. O tempo que o estudo abrange não permite observar se a inclusão dos elementos tecnológicos visados nas notícias tem aumentado ao longo dos anos. No entanto, imagino que a tendência vá aumentar, pois vivemos num mundo cada vez mais virtualizado em que os uns e zeros vão substituindo o papel. É devido a este factor que penso que é necessário ter maior rigor e cuidado ao incluir elementos virtuais numa peça jornalística. Os novos artífices podem tornar uma reportagem mais completa e fácil de produzir, mas aumentam a responsabilidade. Numa Era anti-aurática⁵², se a facilidade der lugar ao facilitismo a mensagem poderá adquirir uma dimensão mais ambígua. Uma ambiguidade reforçada pela descontextualização que, aliada à desterritorialização e homogeneidade, simplifica universos sociais, culturais e históricos em categorias e estereótipos.

“Underestimation of social and cultural aspects threatens also the professional milieu. The interaction between technological advances and societal changes is destructuring the professional fabric of journalism.” (Fortunati e Mauro, 2010, p. 249)

Ao longo do estágio percebi que a SIC ainda está à procura de um equilíbrio. Penso que estes elementos tecnológicos, se possível, deveriam ser usados somente como

⁵² Walter Benjamin define o conceito de aura em *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica* (1955). A aura que rodeia peças de arte como a Mona Lisa não pode ser replicada. No entanto, houve elementos que viram a sua aura sacrificada devido ao consumismo. Houve uma banalização de elementos que antes tinham um maior distanciamento para com indivíduo comum (ex: se recuarmos à idade média observamos que a família real de uma monarquia era quase intocável. A “distância” para com o povo era enorme. Hoje em dia, especialmente na família real Britânica, essa distancia perdeu-se, aliás, existe uma exposição e espectáculo constantes com fins publicitários e comerciais. Esse espectáculo é descrito em trabalhos como *O casamento real de William e Kate: a cobertura jornalística nos jornais The Daily Mail, The Guardian e The Sun* (2013) de Maria Rafael Seca Lima dos Santos).

instrumentos auxiliares, que complementam, não como algo fulcral na notícia, a não ser que estejamos na presença de imagens como as do atentado ao Charlie Hebdo.

“The release of atomic power has changed everything except our way of thinking ... the solution to this problem lies in the heart of mankind. If only I had known, I should have become a watchmaker.”⁵³

A simbiose entre o jornalismo e a tecnologia, o Homem e a máquina, o técnico e o social, estão longe de ser perfeitos mas cabe sempre ao jornalista decidir que faceta desta nova tecnologia quer usar, se a negativa ou a positiva.

Em troca de e-mails, em tom de despedida com um dos tutores da cultura, surgiram as seguintes palavras que sintetizam o que se passa na Sociedade Independente de Comunicação: “O que te tentei passar é como se estão a fazer as coisas ali, e não como se devem fazer.”⁵⁴

A desorganização, processos antiquados e contraproducentes que observei mostraram-me uma dormência colectiva. A indignação e alguma raiva estão lá, mas a resignação manifesta-se mais violentamente. Reacção passivo-agressiva que vi no jornalista de secretária confinado a uma redação sem janelas enquanto produz material que fala sobre o mundo exterior sem que este saiba se está sequer sol ou a chover. As novas tecnologias catapultaram a abundância informativa e no entanto, em vez de observar um jornalismo de olhos abertos, activo e vivo, vi o oposto. Fitei o cansaço de jornalistas cuja atenção e emoção foram evocados inúmeras vezes criando espaço para a apatia, inércia e insensibilidade.

“...we are immersed in messages, many of them calling us by name. We can hardly get away from them. They pursue us wherever we go (...) We live in the words of one computer company executive, in an era of continuous partial attention.” Fuller, 2010, p.113)

Tal como o indivíduo que vive fora da produção da esfera mediática, o jornalista também é permeável às vagas de *infotainment*, *politeinment* e *militainment*⁵⁵ presentes nas notícias de outros canais e na máquina de marketing que toca nos pontos

⁵³ Palavras de Albert Einstein: “Albert Einstein Quotes”. *Goodreads*. <<http://www.goodreads.com/quotes/17014-the-release-of-atomic-power-has-changed-everything-except-our>> (acesso a 10 de Setembro de 2015).

⁵⁴ Palavras de Miguel Franco de Andrade durante uma troca de e-mails, um dos membros da equipa da cultura que me orientou na etapa final do estágio.

⁵⁵ *Infotainment*, *politeinment* e *militainment* são conceitos trabalhados por Daya Kishan Thussu em *News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment* (2007), pág.171-214. São conceitos que abordam a perspectiva que a informação, a política e a guerra são nos apresentados como um jogo, para nosso divertimento.

nevrálgicos emocionais assim que saímos à rua e vemos um *outdoor* ou ligamos o computador. Penso que o desgaste emocional e a falta de sensibilidade provenientes de uma profissão e realidade aceleradas, de cada indivíduo, seja ele jornalista ou não, relaciona-se com a *paideia* de cada pessoa, a educação e crescimento individual e cultural. Relaciona-se com a capacidade, ou falta dela, de questionar e de tentar encontrar respostas para as perguntas e problemas que lhe surgem no dia-a-dia. Toca no espírito crítico de cada sujeito, na capacidade analítica do mundo que o rodeia e neste caso das notícias que consome. Uma *paideia* que cultiva o uso da razão e uma consequente saída da menoridade, como diz e explica Immanuel Kant em *Answer to the question: What is enlightenment?* (1784), tornando produtor e consumidor de notícias mais esclarecidos.

Durante o estágio na SIC foram poucas as vezes que denotei essa alma crítica nos jornalistas e até nos estagiários, fenômeno que me intrigou. O tempo de estágio e o período de observação podem ter sido curtos para tirar uma conclusão mais palpável. Não obstante, o que observei fez-me sentir que a educação, no sentido escolar, tem que mudar. Penso que o espírito crítico, a capacidade para analisar e descortinar o segundo sentido da publicidade e das notícias que são consumidas e criadas têm que ser cultivados desde tenra idade. A academia pode moldar algumas doutrinas já enraizadas, mas quando o sujeito chega à faculdade já teve pelo menos 18 anos de formatação.

Apesar de tudo, esta experiência foi também a minha *paideia*, a minha escola e durante 6 meses a minha segunda casa. Os bons exemplos são para seguir e os maus são para reter na memória para nunca os copiar. Foi um fim de estágio que acabou na casa do parente pobre, mas indispensável, a cultura.

“The cultural mummification leads to a mummification of individual thinking”.
(Fanon, 1967, p.34)

Teoria do caos

Epílogo

“Objectivity, like impartiality, is an operational fiction. All filming and editing is the manipulation of raw data – selectively perceived, interpreted, signified. Television cannot capture the whole of any event; the idea that it offers a pure transcription a reality, a neutrality of the camera before the facts, is an illusion, a utopia.” (Hall, 1974:23)

Apesar de concordar com as duras palavras de Hall, penso que no futuro vai ser possível captar um evento de forma mais completa devido ao avanço da tecnologia. Já é possível fazer um retrato espacial de um acontecimento recorrendo à fotografia 360 graus⁵⁶ ou a plataformas como o Google *Maps*. Enquanto os jornais estão limitados a um curto número de caracteres e fotografias, tornando difícil uma contextualização global do que se está a tratar, a televisão tem o poder de fazer um enquadramento geográfico, cultural e histórico com menos tempo e semântica. Se o objectivo jornalístico continuar a ser o de informar e contextualizar o cidadão, penso que estes, e outros, elementos vão começar a ser usados com maior frequência. No entanto, é preciso bom senso e equilíbrio até porque estes instrumentos podem trazer “problemas” ao jornalismo relacionados com a encenação dos acontecimentos. Se todos os cantos do cenário/acontecimento estiverem iluminados torna-se difícil ocultar ou destacar elementos que possam apelar ao sensacionalismo e espectacularidade. As imagens, fotografias 360 graus podem estar sempre sujeitas a um filtro ou preparação prévia para que se inclua certos elementos na *frame*, mas penso que estes elementos tornam a comunicação mais transparente. Apesar de tudo, acho difícil refutar a afirmação acima citada que menciona que a objectividade é fictícia. Mesmo que o Ser Humano atinga o máximo da *technè* e da *theoria*, que os gregos mencionavam, a representação da realidade vai estar sempre refém da *paideia*, da cultura, do país, da linha editorial do canal em que se trabalha, do posicionamento da câmara e da visão do jornalista tornando a objectividade um conceito utópico. Se a neutralidade e a objectividade são ilusórios, os fundamentos em que o jornalismo assenta são uma mentira? O jornalismo é uma mentira? A “necessidade” de ser informado assemelha-se à estratégia de marketing que consiste em criar uma “necessidade”, que antes não

⁵⁶ Exemplos de fotografias 360 graus: “A panoramic World Proudly Created by People like You”. *360cities*. < <http://www.360cities.net/> > (acesso a 10 de Setembro de 2015).

existia, no consumidor para que este tenha vontade de ver “notícias”? Satisfaz-se o consumidor exibindo “notícias” “light”, mesmo quando o assunto requer maior seriedade, pois as imagens são censuradas, sendo esta também uma forma de entretenimento “informativa” de uma “realidade” criada pela esfera mediática? Esta “sede” pela informação, para além do que se passa no nosso seio familiar e profissional, já existia no tempo dos irmãos Lumiere, de Nikola tesla, de Joahannes Gutenberg ou de qualquer escrita pictográfica ou cuneiforme? É esta carência que mostra que estamos mais “evoluídos” do que há mil anos atrás uma vez que estamos mais unos através de uma comunicação global guiada pelas novas tecnologias e pelas notícias que nos rodeiam? A “sociedade *Big Brother*⁵⁷”, a fácil movimentação, controlo e influência das massas é sintoma do nosso “crescimento” em comparação com Eras passadas? O jornalismo é somente mais um trabalho com regalias e impactos diferentes dos demais? É um 4º poder cuja força reside na manipulação de conhecimento, e consequente controlo das massas, em que o disfarce é um manto de nobres valores postos em prática pelos “cães de guarda da sociedade”?

Sinto que não há necessidade de entrar numa espiral negativista e catastrófica desta magnitude até porque há exemplos que ilustram a importância e os efeitos positivos desta profissão especialmente quando está aliada às novas tecnologias. Sem a existência de internet e das redes sociais a Primavera Árabe poderia nunca ter acontecido e nunca figuraria nas manchetes dos média. O mesmo acontece com os recentes vídeos que retratam a violência entre jovens nas escolas e outros casos (**Anexo 7**).

Mesmo após um estágio e dois anos de mestrado, o debate vai culminar sempre à volta da definição, ou indefinição, do jornalismo. Observei um padrão em todas as pessoas com que me cruzei na SIC na ESCS quando se discutia os fundamentos desta profissão. Todos têm dúvidas e ninguém tem respostas absolutas, desde ao veterano jornalista ao experiente académico, especialmente nesta altura de mudança e de emancipação do virtual. Esta metamorfose vai mudar os valores e conceitos que fundamentam o jornalismo? Não sei. No entanto, defendo que se deva usar uma abordagem mais humana para contrabalançar a virtualidade mecânica. Não refiro o “humanismo” que está por detrás do uso imagens como um corpo de uma criança para

⁵⁷ O termo “Big Brother” aqui não se aplica somente aos *reality shows* mas a uma ideia ainda mais complexa retratada na obra *Big Brother* de George Orwell de 1984. Nesta obra as pessoas são constantemente vigiadas por uma presença omnipresente, graças à tecnologia, chamada “Big Brother” e são moldadas/controladas através do constante envio de mensagens propagandistas.

puxar a lágrima do telespetador como pretexto para mostrar “a desgraça” humanitária de um acontecimento. O que eu sugiro é apelar a um valor menos utópico em comparação com a neutralidade, a transparência. Se a regência economicista e a ditadura das audiências abrir espaço para a transparência, penso que a longo prazo vão surgir benefícios para o jornalismo e jornalistas.

“O bater de asas de uma borboleta em Tóquio pode provocar um furacão em Nova Iorque.”

Pequenas acções poderão trazer grandes mudanças no futuro. Como forma de restauro de credibilidade penso que os jornalistas deviam assumir a sua humanidade, ou seja, assumir que são falíveis, que vão errar e que é impossível ser totalmente imparcial, neutro e objectivo, especialmente nesta fase fraturante, contrastando com a aura robótica.

“Why not state this openly? There may not be truth, but it is true that there is no agreement on the truth.’ He would like to introduce ‘the concept of structural ambiguity, that is, ambiguity that cannot be overcome by extra efforts in reporting because it is inherent in the system’, into journalism in non-democratic societies. Journalists should state in their articles that they do not know exactly what is true and what is not, and should acknowledge that they are presenting a representation they consider likely but that other versions would have been possible” (Broersma, 2010, 31).

Com isto não quero dizer que os jornalistas devam esquecer as matrizes de conduta mencionadas, antes pelo contrário. Ao assumir a *hamartia*⁵⁸, as falhas, penso que iria haver uma aproximação entre jornalista e telespetador. Se antes de cada telejornal fosse exibido durante breves segundos um aviso a apontar para estas mesmas falhas e a mencionar que as notícias apresentadas são uma representação da realidade e não uma versão holística da mesma, o telespetador ficaria a perceber que um acontecimento é composto por mais facetas do que as que nos são apresentadas nos noticiários. O consumidor do telejornal sabe que o jornalista também é uma “pessoa” e que está sujeito a errar, mas penso que ao mostrar e assumir as fragilidades de uma profissão que se baseia em ideias fantasiosas iria evitar diálogos, especulações e “notícias” desnecessárias. “Notícias” sobre a cor clubística ou partidária de um jornalista deixariam de ter razão para existir. Se o canal ou jornal “X” forem do clube castanho é normal que as notícias sobre esse clube tenham um teor mais positivo, ou negativo, que

⁵⁸ *Hamartía*, do grego, é um termo utilizado na tragédia grega e é usado quando um personagem da história comete um erro.

o canal/jornal Y, pois no final de contas os trabalhadores canal assumiram-se como sendo desse clube. Nesta situação os telespetadores não poderiam “queixar-se” de que o jornal X é a favor do clube castanho pois tinham sido avisados acerca dessa questão e já saberiam com antecedência, após o assumir das falhas do jornalismo, que a objectividade, neutralidade e imparcialidade são falíveis. Presumo que esta situação iria obrigar os telespetadores a fazerem *zapping* para observar com mais frequência como é que a notícia é trabalhada pelo canal “aliado” e “rival” do meu clube. Nem que fosse somente para criticar o canal que não gostam, mas pelo menos teriam várias versões dos factos e mais material para criar uma opinião própria. O canal “rival” até poderia surpreender e mostrar argumentos mais convincentes do que o “aliado”. E se o tratamento das notícias for semelhante em todos canais sendo a qualidade da imagem e o aspecto do pivô as únicas coisas que mudam? Nesta situação teria que surgir a *paideia*, a educação que mencionei anteriormente. Um coletivo munido de capacidade crítica poderia exigir mais qualidade e contextualização no tratamento das notícias e refutar material de baixa gama. Se a intenção fosse colectiva, os canais/jornais seriam forçados a aumentar o nível do conteúdo ou estariam a braços com a extinção, a nível informativo pelo menos. Se os canais correspondessem às exigências iniciava-se um ciclo em que não só a educação, mas também os média poderiam trabalhar para um verdadeiro esclarecimento de quem consome e trabalha no jornalismo. Quem há muito abandonou a crença que um telejornal nacional poderia ser uma verdadeira fonte de informação global, e não somente um catálogo de acidentes locais das principais cidades do país, poderia voltar acreditar. Mesmo que o olhar esteja a incidir sobre o ecrã de telemóvel e os murmúrios do telejornal sejam somente ruído, acredito que o que estiver a ser exibido for de facto notícia o telespetador vai prestar atenção. Se o telespetador perceber que a “derrapagem” da bolsa chinesa afecta a economia portuguesa, desde aos aumentos de preços aos ordenados, creio vai haver interesse em ouvir e ver o que se está a passar, apesar do acontecimento ser longínquo, longe do que consideramos “próximo”. Se houver um acréscimo da qualidade da notícia, penso que o jornalismo e jornalistas vão passar a ser mais valorizados. A longo prazo o canal poderá presenciar um aumento do seu público. Para haver melhor qualidade nas reportagens, os jornalistas iriam precisar de melhores condições, mais tempo, *software* mais veloz e talvez as queixas em relação ao baixo ordenado que auferem diminuíssem caso a profissão entrasse num período mais próspero devido às implementações mencionadas. Não teríamos “...civic journalism, caring journalism, peace journalism, citizen

journalism, reliable journalism and innovative journalism,” (Aslam, 2011, p.5) teríamos somente um jornalismo uno, sem estar desagregado e fragmentado. Seria esta a forma de quebrar o jugo pluralista polarizado que tanta caracteriza o nosso país? (Hallin e Mancini, 2010, p. 101-154)

Estes são desejos e predições pessoais, subjetivos e sem qualquer suporte académico. Vontades românticas que ignoram a natureza utilitarista aliada à gestão economicista que alimentam a locomotiva do entretenimento, controlo e poder, ou pelo menos assim o penso. Este é o culminar de uma experiência e relatório de estágio que chegam agora ao fim. Num emaranhado de dúvidas surge a certeza de que o trabalho jornalístico todos os dias produzido pode ser considerado como uma biblioteca. Um armazém que já adquiriu uma faceta virtual que guarda e fala sobre histórias do passado e do presente. Seja utilizado de forma negativa ou positiva, o jornalismo guarda memórias que poderão ser evocadas em futuros trabalhos ou análises que mostram que estivemos cá.

Dei por mim a adorar e a detestar a Sociedade Independente de Comunicação. Esse sentimento transborda nas palavras que aqui dactilografei, mas assim que saí pela última vez dos edifícios da SIC no dia 13 Julho, apesar de alguma tristeza, senti alívio, e ânimo, pois tinha uma grande e rica história para contar (**Anexo 12**).

BIBLIOGRAFIA

Aslam, Rukhsana (2011) Peace journalism: A paradigma shift in traditional media approach. Auckland: Pacific Media Centre, AUT University, p.1-22.

Fortunati, Leopoldina e Sarrica Mauro (2010) The Future of the Press: Insights from the

Goffman, Erving. (1993 [1959]) A apresentação do eu na vida de todos os dias. Lisboa: Relógio d'Água.

Hallin, D. & Mancini, P. (2010) Sistemas de media: estudo comparativo. Três modelos de comunicação e política. Lisboa: Livros Horizonte, p. 101-154

Huxford, John. (2007) The proximity paradox: Live reporting, virtual proximity and the concept of place in the news. Nova Iorque: Sage Publications, p.1- 13.

Jaeger, Werner. (2003) Paideia: A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes.

Jespers, Jean-Jacques (1998) Jornalismo Televisivo. Coimbra: Minerva, p. 167.

LÉVY, P. (1993) As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática. São Paulo. Editora 34. pp.99-131.

Richardson, John (2007). Analysing Newspapers: An Approach from Critical Discourse Analysis. Londres: Palgrave Macmillan, p. 178-218.

Sociotechnical Approach. Londres: Routledge, Taylor & Francis Group, p. 247-255.

Steuer, J. (1993) Defining Virtual Reality: Dimensions Determining Telepresence. Stanford: Stanford University, Department of Communication, p. 1-25.

Thussu, K. Daya (2007) News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment. Londres: SAGE Publications Ltd, p. 171-214.

SITOGRAFIA

- 360cities (2015). A panoramic World Proudly Created by People like You. 360cities. [Internet] Disponível em < <http://www.360cities.net/> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).
- Anabela Mota Ribeiro (2010). A roupa que se veste importa. Jornal Público. [Internet] Disponível em < <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/a-roupa-que-se-veste-importa-1468653> > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).
- Angelopedia Channel (2014). Miss World 2014 Top 10 Favourites - Saly Greige from Lebanon. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=3V-M8As--8Y> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- AntonioSalaGomes (2010). Olha o Foguete. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=s2Fl-MJNQS8> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- APCT (2015). Análise Simples. Todos os seguimentos 2015: Tiragens/Circulação 2º Bimestre. Site Associação Portuguesa para o controlo de tiragem e circulação APCT. [Internet] Disponível em < http://www.apct.pt/Analise_simples.php > (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).
- Arquivo JN (2012). Menina de Napalm conta como foto mudou sua vida. Jornal Diário de Notícias. [Internet] Disponível em < http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=2590331&page=-1 >. (Consultado no dia 7 de Setembro de 2015).
- Broersma, Marcel (2010) The Unbearable Limitations of Journalism: On Press Critique and Journalism's Claim to Truth. Universidade de Groningen. [PDF] Disponível em < http://www.rug.nl/staff/m.j.broersma/broersma_unbearablelimitationsjournalism.pdf > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Canal Cascais (2015). Apagão informático | SIC / Primeiro Jornal. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=FW-L6P5Yuaw> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Canal de Pachonzituh (2011). Dragon Ball Puro Cristal Abertura PT-PT. Youtube. [Internet] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=jmGNoHJZa_w > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Cineplace Portugal (2015). Trailer "Abelha Maia: O Filme". Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zTnAp9Gyc> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Colacas (2008). Churchill's Funeral in Color. Youtube. [Internet] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=ZxBfrO_Cqo8 > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Comentnews (2015) [Jon Stewart](#) reacts to the attack on Charlie Hebdo. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=5°D9aP7O6o> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Cool Videos (2015). Serious accident Rally Dakar 2015 - Argentine Juan Manuel Silva and Juan Pablo Sisterna. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QxHzZC7upwI> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- CyanideSB (2015). Perdidos e Achados - Dobragens Desenhos Animados. Youtube. [Internet] Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=WIEKEfXBKL4> > (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).
- Debord, Guy (2002). The society of the Spectacle. Libcom. [PDF] Disponível em < <https://libcom.org/files/Society%20of%20the%20Spectacle2.pdf> > (Consultado no dia 15 de Setembro de 2015).

Einstein, Albert (1945). Albert Einstein Quotes. Goodreads.[Internet] Disponível em: <
<http://www.goodreads.com/quotes/17014-the-release-of-atomic-power-has-changed-everything-except-our>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Espacial Música (2010). Marco Paulo - A chave do teu coração (Oficial Video). Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q7vmvWEvv1c>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Estadão (2012). Nike - Write the Future. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DBrA6LNx0cE>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Excélsior TV (2015). Momento justo de la explosión en Hospital Infantil de Cuajimalpa (VIDEO). Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kP4OIW8kMw4>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Bucci, Eugênio (2006). Ubiquidade e instantaneidade no teleespaço público: algum pensamento sobre a televisão. *Caligrama, Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Média*. [Internet] Disponível em: <
<http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64692/67313>>. (Consultado no dia 16 de Setembro de 2015)

Fanon, Frantz (1967 [1956]) . Racism and Culture. Toward the African Revolution essays. Libcom. [PDF] Disponível em <
[https://libcom.org/files/\[Frantz_Fanon\]_Toward_the_African_Revolution\(BookZZ.org\).pdf](https://libcom.org/files/[Frantz_Fanon]_Toward_the_African_Revolution(BookZZ.org).pdf)> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Francisco Oliveira (2015). braga x Sporting CP - Golo Junya Tanaka. Youtube. [Internet] Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=MzpN0w5ruxg>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Futbol TV (2015). Las parodias del grito de Cristiano Ronaldo - Funniest parodies of Cristiano's shout (Compilation). Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UNm6-cZxM>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Futtopuromu Association (2012). Junya Tanaka. Youtube. [Internet] Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=NGUfSDujW9I>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Guardian Wires (2015). Chelsea fans prevent black man boarding Paris metro train | Guardian Wires. Youtube [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zBeeZVd6urI>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Harut Shegunts (2015). Cristiano Ronaldo sing about his craving for SEX during 30th birthday party celebrations. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6UXE4PF3OYg>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

[Heather Rooney](#) (2014). Drawing Winston Churchill – Graphite. Youtube. [Internet] Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=D-dke8QaiJo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Hugo Alves (2013). Jornal da Noite: Início 2013. Youtube. [Internet] Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=308sGH6IROE>> (Consultado no dia 10 de 2015).

Impresa (2015). Portefólio de Marcas. Site Impresa SIC. [Internet] Disponível em <
<http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>> (acesso a 9 de Setembro de 2015).

Jorge, Marco António Coutinho (2010). Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan. Copyfight.me. [PDF] Disponível em <
<http://copyfight.me/Acervo/livros/JORGE,%20Marco%20A.%20Coutinho.%20Fundamentos%20de%20Psicana%CC%81lise.%20Vol.%201.pdf>> (Consultado no dia 7 de Setembro de 2015).

JulietheMoviegirl (2015). Europapremiere Hercules Dwayne The Rock Johnson Irina Shayk. Youtube. [Internet] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kkzrZ4E_u0E> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

LAF1389 (2010). Marco Paulo "Eu tenho dois amores". Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CAEqPqJqpCM>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

LAF1389 (2011). Marco Paulo "Ninguem Ninguem". Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=U4Ag5WmOp1s>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Lévy, Pierre (1996 [1995]) O que é virtual??. Morar de outras maneiras. [PDF]. Disponível em <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf> (Consultado no dia 9 de Novembro de 2014).

Lizisia (2012). Greece vs Germany - Eating at a Restaurant. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=DU5zF0UMOG0>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

Manuelzilla (2010). Tom Sawyer. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1RfdLnNRLfA>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

MarsOneProject (2012). Mars One introduction film. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=n4tgkyUBkbY>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

MarsOneProject (2015). The Mars 100 - Mars One Astronaut Selection Round Three Trailer. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xxS7dCMBvSI>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Maximino Aviña Hurtado (2015). Explosión materno infantil cuajimalpa. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FLL9bh4ZXY4>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Meskalino (2006). Monty python football. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ur5fGSBsfg8>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

Miss Universe (2015). Israel - Doron Matalon -Official Miss Universe Interview. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0TIGKWGstJc>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Miss Universe (2015). Lebanon - Saly Greige -Official Miss Universe Interview. Youtube. [Internet] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cG6OtO6t_ag> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Mori, Masahiro. (1970). The Uncanny Valley. Dublin Institute of Technology. [PDF] Disponível em <<http://www.comp.dit.ie/dgordon/Courses/CaseStudies/CaseStudy3d.pdf>> (Consultado no dia 15 de Setembro de 2015).

Mrpanosblog (2012). Finacial "Crisis" in Greece. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Zvl9N9GdraQ>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

News Of The World (2015). News Of The World Belgium terror raid caught on video. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JSFit3v8q4Y>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Nicolas Kilibarda (2015). Tremendo acidente accidente Matt Campbell Dakar. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0O8NzMTVvYk>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Nike Football (2014). Nike Football: Winner Stays. ft. Ronaldo, Neymar Jr., Rooney, Ibrahimović, Iniesta & more. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3XviR7esUvo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Notícias Portugal (2015). Google aposta em visitas virtuais ao interior de edifícios. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-BUto3zFmjK>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Notícias-SCP (2015). Sporting corta relações institucionais com o Benfica. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GtKj8xv-6OU>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

O'Toole, Garson (2010). A Single Death is a Tragedy; a Million Deaths is a Statistic. Site Quote investigator. Exploring the Origins of Quotations. [Internet] Disponível em <<http://quoteinvestigator.com/2010/05/21/death-statistic/>>. (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Obercom (2012). Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012. Obercom. [Internet] Disponível em <<http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=sociedadeRede2012.pdf>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015)

OrderOfWhiteKnights (2014). Winston Churchill - We Shall Never Surrender (Full Speech). Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CyoMp2JceOw>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Paulo Soares (2010). Viana do Castelo comboio Foguete nos Estaleiros Navais. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=m9m8oIZeWgM>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Pavel Larios (2014). Historia que rompe le corazon Manolín le roban una camiseta de Cristiano Ronaldo. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q8oQY716q84>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

PoliceHungary (2015). Lamborghini, amiból por - se – lett. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LHp3jqRj-jg>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

-PORDATA (2014). Indicadores de envelhecimento em Portugal. Site PORDATA. [Internet] Disponível em <<http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Rami meir (2012). Adi Barkan - Doron Matalon. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tz4W-BVeugY>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Rosa, Miguel Ângelo (2014). Hall. A memória e a herança de um dos académicos do multiculturalismo. Comunicação Pública. [Online] Disponível em: <<http://cp.revues.org/859>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Said, Edward. (1978) Orientalism. Univerzita Karlova. [PDF] Disponível em <<https://is.cuni.cz/studium/predmety/index.php?do=download&did=37402&kod=JMB113>> (Consultado no dia 15 de Setembro de 2015).

Santos, Maria Rafael Seca Lima dos (2013) O Casamento Real de William e Kate: Cobertura Jornalística nos Jornais The Daily Mail, The Guardian e The Sun. Dissertação de mestrado. Repositório Científico IPL. [Internet] Disponível em <<http://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3213>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Sapo (2015). Queniana fica sem forças e corta a meta a gatinhar. Site Sapo Vídeos. [Internet] Disponível em <<http://videos.sapo.pt/5jeeBYWqF7E5QOllq3qG>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Sapo (2015). Ronaldo canta na festa de aniversário horas depois da derrota. Sapo Notícias ao Minuto. [Internet] Disponível em <<http://videos.sapo.pt/vjwLHilCZkEwnaODzWz>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Saraiva, Maria do Rosário (2011). A cenografia de informação televisiva em Portugal: da sobriedade à espectacularidade das redacções. Repositório Institucional Universidade de Aveiro. [PDF] Disponível em <<http://ria.ua.pt/handle/10773/7082>> (Consultado no dia 6 de Novembro de 2014).

SIC (1992). Arquivo SIC 20 anos: 1992. Site SIC Arquivo 20 anos. [Internet] Disponível em <<http://sic.sapo.pt/sic20anos/1992-10-06-6-de-outubro-1992-1630?from=1992&to=1992>> (Consultado no dia 9 de Setembro de 2015).

SIC (2008). Indisciplina na Escola. Site SIC. [Internet] Disponível em <<http://sic.sapo.pt/arquivado/2008-03-25-indisciplina-na-escola1>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Grande Reportagem. Site SIC. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/reportagem/sic>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

SIC (2015). "Gravidade Zero". Site SIC Perdidos e Achados. [Internet] Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidos_e_achados/2015-03-05-Gravidade-Zero> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). "O Homem Formiga" chega aos cinemas. Site SIC Cartaz. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/cartaz/2015-07-13-O-Homem-Formiga-chega-aos-cinemas>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). "Música no coração" estreou nos cinemas em 1965. Site SIC Cultura. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2015-03-03-Musica-no-coracao-estreou-nos-cinemas-em-1965>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). A história do Foguete. Site SIC Abandonados. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/abandonados/2015-01-26-A-historia-do-Foguete>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). A rádio e a proximidade com os ouvintes. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-13-Dia-Mundial-da-Radio-1>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Abandonados. Site SIC. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/abandonados>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Acidente aéreo em Espanha provoca dez mortos. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-26-Acidente-aereo-em-Espanha-provoca-dez-mortos->> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Acordo para tratamento da hepatite C. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-19-Acordo-para-tratamento-da-hepatite-C>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Adeptos do Chelsea entoam cânticos racistas em Paris. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-02-18-Adeptos-do-Chelsea-entoam-canticos-racistas-em-Paris>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Aeroporto das Caraíbas ao lado de praia atrai milhares de turistas. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-03-04-Aeroporto-das-Caraibas-ao-lado-de-praia-atrai-milhares-de-turistas>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Agências matrimoniais falam em muita procura e elevada taxa de sucesso. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-14-Agencias-matrimoniais-falam-em-muita-procura-e-elevada-taxa-de-sucesso>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Agências matrimoniais falam em muita procura e elevada taxa de sucesso. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-14-Agencias-matrimoniais-falam-em-muita-procura-e-elevada-taxa-de-sucesso>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Análise à operação policial em França. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-09-Analise-a-operacao-policial-em-Franca>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Análise à operação policial em França. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-09-Analise-a-operacao-policial-em-Franca>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Arte urbana dentro de casa. Site SIC Cultura. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2015-02-27-Arte-urbana-dentro-de-casa>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). As respostas de José Sócrates. Site SIC Caso Sócrates. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/socrates/2015-02-04-As-respostas-de-Jose-Socrates>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Ataque ao Charlie Hebdo em análise no Jornal da Noite. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-08-Ataque-ao-Charlie-Hebdo-em-analise-no-Jornal-da-Noite>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Avião despenha-se em Taiwan. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-02-04-Aviao-despenha-se-em-Taiwan>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Cinco minutos de terror. SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-08-Cinco-minutos-de-terror>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Cinquenta horas em Paris. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-02-06-Cinquenta-horas-em-Paris>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Como ter mais deduções no IRS. Site SIC Contas Poupança. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/contaspoupanca/2015-01-28-Como-ter-mais-deduocoes-no-IRS>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Cristiano Ronaldo confirma separação. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-20-Cristiano-Ronaldo-confirma-separacao>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Cristiano Ronaldo inspira curso em universidade canadiana. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-02-10-Cristiano-Ronaldo-inspira-curso-em-universidade-canadiana>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Direita cria toque de telemóvel com declarações polémicas de António Costa. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-25-Direita-cria-toque-de-telemovel-com-declaracoes-polemicas-de-Antonio-Costa>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Divulgado novo vídeo amador do ataque ao Charlie Hebdo. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-13-Video-amador-mostra-autores-do-ataque-ao-Charlie-Hebdo-momentos-antes-da-fuga>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Dobragens de Desenhos Animados. Site SIC Perdidos e Achados. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidosachados/2015-02-02-Dobragens-de-Desenhos-Animados>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Doze mortos em Paris, encontrado carro dos atacantes. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-07-Doze-mortos-em-Paris-encontrado-carro-dos-atacantes>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Doze mortos em Paris, encontrado carro dos atacantes. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-07-Doze-mortos-em-Paris-encontrado-carro-dos-atacantes>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Edição da Manhã. Site SIC. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/edicaodamanha/2015-09-09-Jornal-de-Economia-credito-as-familias-a-crescer>>. (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Entrevista ao Sr. Segurança, Eugene Kaspersky. Site SIC Futuro Hoje. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/futurohoje/2015-02-19-Entrevista-ao-Sr-Seguranca-Eugene-Kaspersky>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Equipa liderada por português descobre sistema solar com idade recorde. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-01-28-Equipa-liderada-por-portugues-descobre-sistema-solar-com-idade-recorde>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Estalagem do Gado Bravo. Site SIC Abandonados. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/abandonados/2015-02-09-Estalagem-do-Gado-Bravo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Estrada entre Sintra e Cascais é muito frequentada por motards aos domingos. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-01-04-Estrada-entre-Sintra-e-Cascais-e-muito-frequentada-por-motards-aos-domingos>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Europa em alerta depois de ataques em Paris. Site SIC atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-09-Europa-em-alerta-depois-de-ataques-em-Paris>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Explosão em fábrica de químicos de Barcelona faz três feridos. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-02-12-Explosao-em-fabrica-de-quimicos-de-Barcelona-faz-tres-feridos>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Explosão numa fábrica de pirotecnia na Colômbia faz 2 feridos. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-06-Explosao-numa-fabrica-de-pirotecnia-na-Colombia-faz-2-feridos>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Ex-primeiro-ministro Churchill morreu há 50 anos. Site SIC Abandonados. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-24-Ex-primeiro-ministro-Churchill-morreu-ha-50-anos>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Fernando Alonso hospitalizado mas sem lesões após despiste. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-02-22-Fernando-Alonso-hospitalizado-mas-sem-lesoes-apos-despiste>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Futuro Hoje. Site SIC. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/futurohoje>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Grito de Ronaldo motiva dezenas de paródias nas redes sociais. Site SIC Bola de Ouro 2014. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/boladeouro2014/2015-01-13-Grito-de-Ronaldo-motiva-dezenas-de-parodias-nas-redes-sociais>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Imagens dos bastidores da cerimónia dos Óscares partilhadas na Internet. Site SIC Óscares 2015. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/oscares2015/2015-02-23-Imagens-dos-bastidores-da-cerimonia-dos-Oscares-partilhadas-na-Internet>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Lamborghini despistou-se a 334 km/h. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-20-Lamborghini-despistou-se-a-334-km-h>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Lisboa na edição especial que assinala os 80 anos do Monopólio. Site SIC New Articles [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/arquivo/2015-02-28-Lisboa-na-edicao-especial-que-assinala-os-80-anos-do-Monopolio->> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Marco Paulo não se sente com 70 e quer continuar a cantar. Site SIC Cultura. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2015-01-22-Marco-Paulo-nao-se-sente-com-70-e-quer-continuar-a-cantar>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Médica portuguesa que combate Ébola na Serra Leoa acredita que surto pode estar controlado. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-20-Medica-portuguesa-que-combate-Ebola-na-Serra-Leoa-acredita-que-surto-pode-estar-controlado>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Médico português passou dois meses no campo de refugiados de Mae La na Tailândia. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-26-Medico-portugues-passou-dois-meses-no-campo-de-refugiados-de-Mae-La-na-Tailandia>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Michelle Obama não cobre a cabeça com véu na Arábia Saudita e gera polémica. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-29-Michelle-Obama-nao-cobre-a-cabeca-com-veu-na-Arabia-Saudita-e-gera-polemica>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Muitas das invenções feitas para a exploração do espaço são adaptadas ao dia a dia. Site SIC Futuro Hoje. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/futurohoje/2015-02-24-Muitas-das-invencoes-feitas-para-a-exploracao-do-espaco-sao-adaptadas-ao-dia-a-dia>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Muse trazem "Drones" a Portugal. Site SIC Cartaz. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/cartaz/2015-06-22-Muse-trazem-Drones-a-Portugal>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). O impacto de uma eventual separação de Ronaldo e Irina. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-16-O-impacto-de-uma-eventual-separacao-de-Ronaldo-e-Irina>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). O Mónaco de Leonardo Jardim. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-06-O-Monaco-de-Leonardo-Jardim>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). O perfil de Cristiano Ronaldo. Site SIC Bola de Ouro 2014. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/boladeouro2014/2015-01-12-O-perfil-de-Cristiano-Ronaldo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). O que fazer para garantir o máximo de reembolso no IRS. Site SIC Contas Poupança. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/contaspoupanca/2015-02-05-O-que-fazer-para-garantir-o-maximo-de-reembolso-no-IRS>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Oito horas e meia sem ser descoberto pelos irmãos Kouachi. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-13-Oito-horas-e-meia-sem-ser-descoberto-pelos-irmaos-Kouachi>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Partilhe as suas selfies de verão. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-08-19-Partilhe-as-suas-selfies-de-verao-em-selfiesicsic.pt>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Patrick Dempsey divorcia-se após união de 15 anos. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-27-Patrick-Dempsey-divorcia-se-apos-uniao-de-15-anos>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Plantas portuguesas em Marte. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-01-06-Plantas-portuguesas-em-Marte>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Plataforma dá a conhecer talentos musicais. Site SIC Futuro Hoje. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/futurohoje/2015-03-04-Plataforma-da-a-conhecer-talentos-musicais>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Português detido no Iémen por suspeita de ligação à Al-Qaeda. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-01-16-Portugues-detido-no-Iemen-por-suspeita-de-ligacao-a-Al-Qaeda-1>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Portuguesa desaparecida em Espanha desde terça-feira. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-20-Portuguesa-desaparecida-em-Espanha-desde-terca-feira>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Portugueses de fora dos 100 finalistas para colonizar Marte. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-02-17-Portugueses-de-fora-dos-100-finalistas-para-colonizar-Marte>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Registado fenómeno meteorológico raro na costa do Recife. Site SIC Mundo [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-03-03-Registado-fenomeno-meteorologico-raro-na-costa-do-Recife>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Restos mortais de Carlos Paião trasladados para o cemitério de Ílhavo. Site SIC Cultura. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2015-01-04-Restos-mortais-de-Carlos-Paiao-trasladados-para-o-cemiterio-de-Ilhavo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Ronaldo disfarça-se e surpreende criança no centro de Madrid. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-22-Ronaldo-disfarca-se-e-surpreende-crianca-no-centro-de-Madrid>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Seleção nacional de padres venceu Clericus Cup pela segunda vez. Site SIC Desporto [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-02-27-Selecao-nacional-de-padres-venceu-Clericus-Cup-pela-segunda-vez>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Selfie de misses causa incidente diplomático. Site SIC Mundo. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-01-19-Selfie-de-misses-causa-incidente-diplomatico>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Tanaka é o homem do momento em Alvalade. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-19-Tanaka-e-o-homem-do-momento-em-Alvalade>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Tempestade de gelo e neve atingiu praia do sul da Califórnia. Site SIC Mundo [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2015-03-03-Tempestade-de-gelo-e-neve-atingiu-praia-do-sul-da-California>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Treinador do Real Madrid desmente que o joelho de Ronaldo continue a dar problemas. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-01-30-Treinador-do-Real-Madrid-desmente-que-o-joelho-de-Ronaldo-continue-a-dar-problemas>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Um dos três suspeitos do atentado em Paris terá sido identificado. Site SIC Atentado em Paris. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/especiais/paris/2015-01-07-Um-dos-tres-suspeitos-do-atentado-em-Paris-tera-sido-identificado>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Vídeo de jovem agredido na Figueira da Foz gera indignação. Site SIC País. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-05-13-Video-de-jovem-agredido-na-Figueira-da-Foz-gera-indignacao>> (Consultado no dia 13 de Setembro de 2015).

SIC (2015). Vítor Pereira esteve na origem de uma invasão de campo no dérbi de Atenas. Site SIC Desporto. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/Desporto/2015-02-22-Vitor-Pereira-esteve-na-origem-de-uma-invasao-de-campo-no-derbi-de-Atenas>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Snow, Shane (2015). The Uncanny Valley of Content, or Why Fox News Should Stop Pretending to Be a News Network". Site Contently. [Internet] Disponível em <<http://contently.com/strategist/2015/07/02/the-uncanny-valley-of-content-or-why-fox-news-should-stop-pretending-to-be-a-news-network/>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Starters (2015). Taiwan Plane Crash - ORIGINAL VIDEO – HD. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gDqkW2iuWwc>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Stranezze (2015). Attentat Charlie Hebdo Images de L'attaque Paris. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Lx6luR2-a-o>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

TheCount.Com (2015). Saudi TV BLURS Michelle Obama's FACE As Barack Meets King. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yUQgKpI7sbE>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

TheGuardian (2015). I faked Yanis Varoufakis middle-finger video, says German TV presenter. The Guardian. [Internet] Disponível em <<http://www.theguardian.com/world/2015/mar/19/i-faked-the-yanis-varoufakis-middle-finger-video-says-german-tv-presenter>> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

ThunderCanal (2014). Abelha Maia - Portugal Genérico RTP. Youtube. [Internet] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sxkT5IFJ_EM> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Time (2013). A One Way Ticket to Mars: Behind the Mars One Project. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7gV7LX0tLDw>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Tjtanaka (2014). Junya Tanaka. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cKleyYH1la0>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Trulypsychogaming (2015). Colombia fireworks explosion- Near Death caught on Camera. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LyofFp2GpfU>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Últimas Notícias. (2015). Sheik Munir diz não compreender atos de terrorismo em Paris. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fYzWim1pofg>> (Consultado no dia 15 de Setembro de 2015).

Valéria Santos (2010). Comboio n.º 95271 (Transporte de Material para Restauo) – Campanhã. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sMpYTEd4sIk>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

VidsVids (2014). Cristiano Ronaldo Poses Naked With Irina Shayk For Vogue Spain. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=a4CRdej1cEo>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Wikiquote (2015). Kurt Tucholski. Wikiquote. [Internet] Disponível em <https://en.wikiquote.org/wiki/Kurt_Tucholsky> (Consultado no dia 10 de Setembro de 2015).

Wuipar No Sekai (2014). Junya Tanaka (Kashiwa Reysol & Sporting CP). Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3RdBaEfdQkg>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).

Xadoc (2006). Carlos Paião - Play-Back Eurovisão 1981. Youtube. [Internet] Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Ao8rQYxQ0WI>> (Consultado no dia 14 de Setembro de 2015).